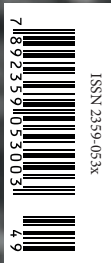


ANO 10 - NÚMERO 125 - MARÇO 2025

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

Distribuição: 15 mar a 14 abr/25



EUNICE PAIVA: UMA MULHER DE MUITAS LUTAS

p. 08

UNIVERSO FEMININO

Sobre Eunices, Clarices,
Therezas, Elizabeths,
Marias...
p. 24

UNIVERSO FEMININO

Dona Silena chegou
para brincar
p. 40

UNIVERSO FEMININO

Bibiana Estácia, 112 anos:
a doce matriarca de
Vila Boa de Goiás
p. 46



FENAE COM ELAS

No mês da mulher, a **Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa (Fenae)** fortalece a luta pela vida de todas.

Reforçamos o nosso compromisso com o **Feminicídio Zero** e a promoção dos **direitos humanos** das mulheres.

A violência baseada em gênero
não pode ser tolerada.
Denuncie, ligue 180!



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL



Aponte a câmera do seu celular
para o QR Code e conheça mais
sobre as nossas iniciativas.

Uma revista pra chamar de nossa

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação.

Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, voluntário, por suposto. Jaime propôs um jornal; eu, uma revista. O nome eu escolhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também.

Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, Jaime fechou questão – “nossas cores vão ser o vermelho e o amarelo, porque revista tem que ter cor de luta, cor vibrante” (eu queria verde-floresta). Na paz, acabei enfiando um branco.

Fizemos a primeira edição da *Xapuri* lá mesmo, na Reserva, em uma noite. Optamos por centrar na pauta socioambiental. Nossa primeira capa foi sobre os povos indígenas isolados do Acre: *Isolados, Bravos, Livres: Um Brasil Indígena por Conhecer*. Depois de tudo pronto, Jaime inventou de fazer uma outra boneca, “porque toda revista tem que ter número zero”.

Dessa vez finquei pé, ficamos com a capa indígena. Voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir. Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, “de grátis”. Com a primeira revista impressa, a próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial.

Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar pessoalmente cada conselheiro e cada conselheira (até a doença agravar, nos seus últimos meses de vida, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro. “O mais sabido de nós”, segundo o Jaime.

Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensalmente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Às vezes, ligava pra falar da ótima ideia que teve, às vezes sumia e, no dia certo, lá vinha o texto pronto, impecável.

Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a *Xapuri* 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agoniado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrentava. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Hoje, cá estamos nós, sem as capas do Jaime, sem as pautas do Jaime, sem o linguajar do Jaime, sem o jaimês da *Xapuri*, mas na labuta, firmes na resistência. Mês sim, mês sim de novo, como você sonhava, Jaiminho, carcamos porva e, enfim, chegamos à nossa edição número 100. E, depois da *Xapuri* 100, como era desejo seu, a gente segue esperneando.

Fica tranquilo, camarada, que por aqui tá tudo direitim.



Arthur Wentz Silva
Estagiário



Emir Bocchino
Diagramador



Igor Strochit
Diagramador



Janaina Faustino
Gerente Executiva



Lúcia Resende
Revisora



Maria Leticia Marques
Redatora

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.814.-500 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: Edição Impressa - 1.000 - 5.000. Envio Eletrônico - 100.000. Circulação: Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

M

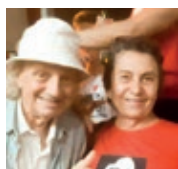
arço deste ano de 2025 chegou com uma razão a mais para comemorarmos com esperança e alegria o Mês da Mulher.

Embora em vida jamais tivesse buscado qualquer protagonismo que não fosse na luta por justiça e por liberdades, uma de nós, Maria Lucrecia Eunice Facciolla Paiva, tornou-se, justa e merecidamente, conhecida, admirada e respeitada por boa parte do povo brasileiro.

Dedicamos nossa matéria de capa deste mês das águas a Eunice Paiva, essa mulher de tantas lutas, e à Fernanda Torres, essa atriz extraordinária que nos faz sentir companheiras solidárias e íntimas da combativa militante Eunice Paiva.

E é também em homenagem às mulheres que lutam, sobrevivem e resistem ao tempo que fechamos esta nossa edição 125 com a sabedoria ancestral de dona Bibiana Estácia, uma feliz anciã quilombola de 112 anos, quiçá a mulher mais idosa de Goiás.

Boa leitura. Bom proveito!



Zezé Weiss – Jornalista
Editora da *Revista Xapuri*

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

COLABORADORES/AS - MARÇO

Ailton Krenak – Escritor. **Alfredo A. Saad** – Escritor (*in memoriam*). **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Anielle Franco** – Professora. **Antenor Pinheiro** – Geógrafo. **Arthur Wentz e Silva** – Estudante. **Bia de Lima** – Parlamentar. **Dilma Rousseff** – Economista. **Eduardo Galeano** – Escritor (*in memoriam*). **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Elson Martins** – Jornalista. **Emir Bocchino** – Designer. **Iêda Leal** – Gestora Pública. **Igor Stochit** – Designer. **Inês Ulhôa** – Jornalista. **Iolanda Rocha** – Socioambientalista. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **José Bessa Freire** – Escritor. **Leonardo Boff** – Ecoteólogo. **Lúcia Resende** – Professora. **Marcos Jorge Dias** – Escritor. **Manuela Cardoso da Cunha** – Antropóloga. **Maria Letícia Marques** – Ambientalista. **Mauro Barbosa de Almeida** – Antropólogo. **Moisés Mendes** – Jornalista. **Rodrigo Britto** – Sindicalista. **Zezé Weiss** – Jornalista.



CONSELHO EDITORIAL

Adair Rocha - Professor Universitário. **Adrielle Saldanha** - Geógrafa. **Ailton Krenak** - Escritor. **Altair Sales Barbosa** - Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** - Jornalista. **Andrea Matos** - Sindicalista. **Angela Mendes** - Ambientalista. **Antenor Pinheiro** - Jornalista. **Binho Marques** - Professor. **Cleiton Silva** - Sindicalista. **Dulce Maria Pereira** - Professora. **Edel Moraes** - Ambientalista. **Eduardo Meirelles** - Jornalista. **Elson Martins** - Jornalista. **Emir Bocchino** - Arte finalista e Diagramador. **Emir Sader** - Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** - Advogado. **Graça Fleury** - Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra)** - Poeta. **Iêda Leal** - Educadora. **Jacy Afonso** - Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** - Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire** - Escritor. **Júlia Feitoza Dias** - Historiadora. **Kretã Kaingang** - Líder Indígena. **Laurenice Noleto Alves (Nonô)** - Jornalista. **Lucélia Santos** - Atriz. **Lúcia Resende** - Revisora. **Marcos Jorge Dias** - Escritor. **Maria Félix Fontele** - Jornalista. **Maria Maia** - Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima** - Jornalista. **Trajano Jardim** - Jornalista. **Zezé Weiss** - Jornalista.



IN MEMORIAM:

Jaime Sautchuk - Jornalista. **Iêda Vilas-Bôas** - Escritora. **Samuel Pinheiro Guimarães Neto** - Diplomata.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana - Sindicalista. **Eduardo Pereira** - Produtor Cultural. **Iolanda Rocha** - Professora. **Janaina Faustino** - Gestora Ambiental. **Joseph Weiss** - Eng. Agro. PhD.



Xapuri 125 MAR 25

SOCIOAMBIENTAL

08 CAPA
Eunice Paiva:
uma mulher de muitas lutas

20 AMAZÔNIA
Chico Mendes e Che Guevara
por Xapuri

16 HOMENAGEM
Fernanda Torres

22 CONSCIÊNCIA NEGRA
Marielle, quem era você?

17 BIODIVERSIDADE
Março na floresta
segundo o calendário Ashaninka

23 CERRADO
Caatingas e cerrados

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

24 UNIVERSO FEMININO
Sobre Eunices, Clarices, Therezas,
Elizabeths, Marias...

26 ECOLOGIA
De água somos

27 SAGRADO INDÍGENA
Viver-respirar

28 FOTOGEOGRAFIA
Confetes do Douro

29 FORMOSA
O tratamento das doenças
no Arraial de Couros

32 UNIVERSO FEMININO
No Dia Internacional da Mulher:
Dile, ferro quente e poesia

38 MEIO AMBIENTE
Atento e forte, CNS segue em luta,
em defesa da Amazônia e dos povos
que nela vivem

40 UNIVERSO FEMININO
Dona Silena chegou para brincar

41 MITOS E LENDAS
Matinta-Pereira:
a ave que assobia forte

44 POLÍTICA
O recado de Walter Salles

46 UNIVERSO FEMININO
Bibiana Estácia, 112 anos:
a doce matriarca de Vila Boa de Goiás

EUNICE PAIVA: UMA MULHER DE MUITAS LUTAS

— Zezé Weiss



Foto: Globo/Divulgação/

Conheci Maria Lucrécia Eunice Facciolla Paiva (1929-2018) em fevereiro de 1980, no Colégio Sion, em São Paulo, na fundação do PT. Mesmo com o filho Marcelo ainda se recuperando do acidente que o deixou paraplégico em dezembro de 1979, Eunice Paiva, a mulher-símbolo da luta contra os crimes da ditadura militar, estava lá, com Lula, construindo o partido político que mudou a história do Brasil.

Embora eu já soubesse, desde meados da década de 1970, sobre a militância de Eunice no campo dos direitos humanos e na defesa dos povos indígenas, foi a partir da leitura de um artigo dela e de Manuela Carneiro da Cunha, publicado na Folha de SP em outubro de 1983 com o título "Defendam os pataxós", que decidi botar mais reparo em sua jornada de resistência.

Dali por diante, fui criando cada vez mais intimidade com as batalhas da companheira que, além da busca por seu marido, "desaparecido" nos porões da ditadura, foi, no dizer de Ailton Krenak, em entrevista à CBN, "de

uma expressão tão grande que se torna impossível contar a história do movimento indígena nos anos 1970 e 1980 sem fazer referência a Eunice Paiva, tanto do ponto de vista jurídico quanto humanitário."

Uma das poucas advogadas especializadas na defesa jurídica de indígenas contra os arbítrios da ditadura – conforme dados da Comissão Nacional da Verdade (CNV), pelo menos 8.350 pessoas indígenas foram mortas "em decorrência da ação direta de agentes governamentais ou da sua omissão" –, em 1978 Eunice se juntou à Comissão Pró-Índio, "uma entidade a que os povos indígenas podiam recorrer, uma organização 'para-raio' de conflitos", segundo Márcio Santilli, hoje diretor do Instituto Socioambiental (ISA).

Seja assinando pareceres judiciais, buscando indenizações e demarcações de terras, publicando artigos e livros, e, em especial, contribuindo na elaboração do capítulo "Dos índios" da Constituição Federal de 1988, a presença firme de Eunice Paiva tornou-se parte indissociável das lutas do

movimento indígena brasileiro. Como não admirar essa trajetória?

Mas íntima de Eunice eu fiquei mesmo foi em dezembro de 2015, quando me recuperava da mastectomia bilateral que fiz como parte do tratamento contra um câncer que mudou o rumo da minha vida. Em uma tarde chuvosa, naquele momento em que meu coração balançava entre dores e esperanças, a amiga Nena Lentini chegou aqui em casa, em Formosa, com o Ainda Estou Aqui.

"Esse livro vai ajudar no seu processo de cura. É uma ode à resiliência de uma mulher que lutou, de cabeça erguida, para que o regime militar reconhecesse ter matado e lhe entregasse o corpo de Rubens Paiva, levado de sua casa no Rio de Janeiro por agentes à paisana no ano de 1971, para nunca mais ser visto," disse Nena.

Li o livro de Marcelo Rubens Paiva de uma sentada só, a noite inteira. Aprendi muito sobre o Alzheimer, sobre como a doença evolui. Chorei muito com a violência da ditadura contra uma mulher e suas crianças inocentes. Me indig-



Foto: Arcevo da Família/ Ainda Estou Aqui/ Reprodução

nei com as marcas deixadas na história de uma família a quem, como tantas outras, sequer foi dado o direito de enterrar seu morto.

Desde então, *Ainda Estou Aqui* virou meu livro de cabeceira. Leio sempre, não o livro inteiro, mas partes, sobretudo em noites de insônia ou prenúncio de tempestades. Fui ficando cada vez mais admiradora de Eunice Paiva, essa mulher extraordinária que fez, do luto, luta em defesa da justiça, do resgate de memória, dos direitos humanos e da democracia.

Agora, com mais de 5 milhões de pessoas conhecendo essa mulher de tantas lutas nos cinemas brasileiros e *Ainda Estou Aqui* voltando de Hollywood com o Oscar de melhor filme internacional, embora

em vida jamais tivesse buscado qualquer protagonismo que não fosse por justiça e por liberdades, Maria Lucrécia Eunice Facciolla Paiva tornou-se, justa e merecidamente, admirada e respeitada por boa parte do povo brasileiro.

ÍNTIMA DO BRASIL

A mulher que se tornou íntima do Brasil nasceu em São Paulo, em 07/11/1929 e faleceu também em São Paulo em 13/12/2018, aos 89 anos.

Casou-se, aos 23 anos, com o engenheiro Rubens Beyrodt Paiva, deputado federal eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em outubro de 1962, e cassado pelo AI-1, o primeiro ato exceção do golpe militar, em 9 de abril de 1964.

Com a cassação, o casal se exilou na antiga Iugoslávia, hoje Sérvia, e depois na França. Voltaram ao Brasil em 1965 e deixaram São Paulo, rumo ao Rio de Janeiro, com suas quatro filhas, Vera Sílvia Facciolla Paiva (1953), Maria Eliana Facciolla Paiva (1955), Ana Lúcia Facciolla Paiva (1957), Maria Beatriz Facciolla Paiva (1960), e seu único filho, Marcelo Rubens Paiva (1959).

Em 20 de janeiro de 1971, a casa da família Paiva foi invadida por seis militares à paisana, e ele foi preso, torturado e morto nos porões da ditadura. Eunice e Eliana, uma das filhas do casal, de apenas 15 anos, também foram presas. Eliana foi solta um dia depois. Eunice permaneceu presa e incomunicável durante doze dias. Rubens Paiva “desapareceu” para sempre.

Em março de 2014, o coronel reformado Paulo Malhães, em depoimento à Comissão Nacional da Verdade, confirmou que Paiva foi torturado até a morte e depois teve seu corpo jogado em um rio na região serrana do Rio de Janeiro. Em maio de 2014, o MPF do Rio entrou com uma ação contra cinco militares envolvidos no caso. Malhães foi encontrado morto em sua casa, em abril, um mês após seu depoimento à Comissão da Verdade.

Viúva aos 41 anos, ainda em plena ditadura, em 1973, dois anos depois do sumiço de Rubens Paiva no DOI-Codi do Rio de Janeiro, Eunice voltou com suas quatro filhas e com Marcelo, seu único filho, para São Paulo, entrou para a Faculdade de Direito e virou militante pela Anistia, pela redemocratização, pelas Diretas-Já, pela Constituinte, pela Democracia.

Atenta e forte, liderou campanhas pela abertura dos arquivos sobre vítimas da ditadura militar e, por sua militância crítica, arriscou a própria vida, como mostraram documentos do SNI (Serviço Nacional de Inteligência) que vieram a público em 2013,



Foto: Arcevo da Família/ Reprodução

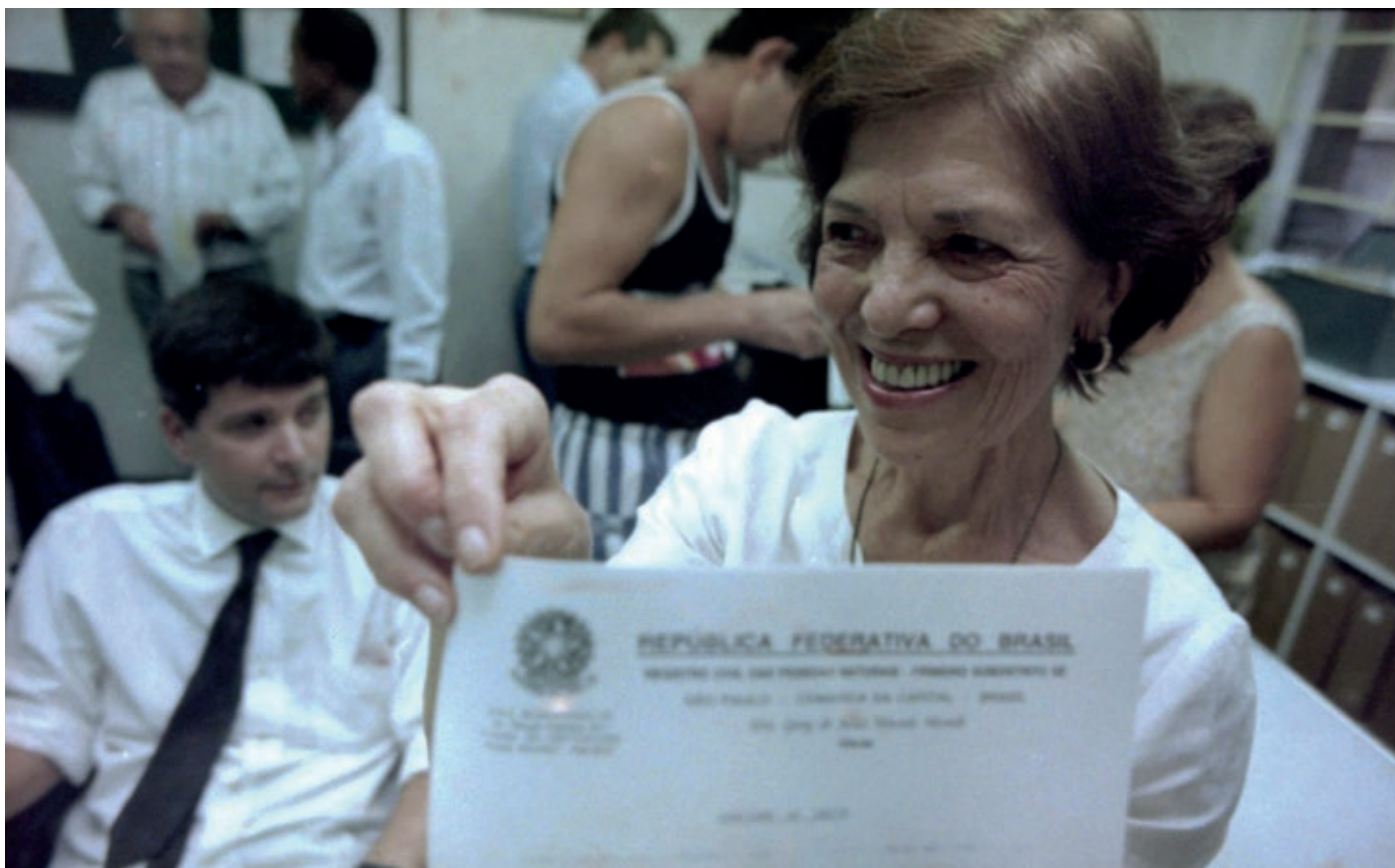


Foto: Eduardo Knapp/Folhapress/ Reprodução

pois tanto ela quanto seus filhos foram vigiados por agentes militares de 1971 até 1984.

Lutou pela promulgação da Lei 9.140/95, que reconhece como mortas as pessoas desaparecidas em razão de participação em atividades políticas durante a ditadura militar. Em 23 de fevereiro de 1996, após 25 anos de luta por memória, verdade e justiça, Eunice conseguiu que o Estado brasileiro emitisse oficialmente o atestado de óbito de Rubens Paiva.

AINDA ESTOU AQUI

Com um editorial primoroso, publicado dia 3 de março, o Portal Vermelho celebrou a conquista do nosso primeiro Oscar, sobretudo por sua importância para “inspirar a luta pela democracia”. Segue o texto, com pequenas edições por limitação de espaço de ajuste temporal:

Pela primeira vez, o cinema brasileiro conquistou uma cobiçada estatueta do Oscar. Na noite

*do dia 2 de março, **Ainda Estou Aqui** foi premiado na categoria de “melhor filme internacional”. O feito se deu em pleno Carnaval, o que turbinou ainda mais a euforia que alagou ruas e avenidas do País.*

Foliões com máscaras da magistral atriz Fernanda Torres e réplicas da estatueta erguidas ao alto como taças de campeonatos de futebol passaram a se destacar entre as alegorias. Fernanda não foi agraciada como melhor atriz, mas adquiriu reconhecimento internacional e se consagrou em definitivo como parte do melhor da dramaturgia brasileira.

***Ainda Estou Aqui** somou quantidades significativas de público e bilheteria no País e no exterior. Realizou-se uma maratona frenética de divulgação do filme, exibido em 50 festivais pelo mundo afora. O diretor Walter Salles (que recebeu a estatueta, em nome da equipe), a própria*

Fernanda, o ator Selton Mello e os produtores do filme realizaram dezenas e dezenas de debates em salas de cinema, além de um número incontável de entrevistas em veículos de vários países.

Essa promoção do filme foi importante. Mas, qual teriam sido as razões de fundo dessa conquista inédita?

Duas se destacam. A primeira, a qualidade em si do filme, que vem da maestria da direção de Walter Salles e da qualidade do elenco com Fernanda Torres à frente, a sempre notável atuação de Selton Mello e da escolha certa da trupe jovem.

Sem ouro puro, porém, não há ourives que sejam capazes de esculpir esplêndidas joias. E ouro aqui é o livro de Marcelo Rubens Paiva. É, pois, um produto cultural cinematográfico derivado da cabeça aos pés do trabalho de gente experimentada, veterana, que foi capaz de apresentar uma “pegada



Foto: Ainda Estou Aqui/ Reprodução

nova", original, de uma velha ferida ainda não cicatrizada: as atrocidades da ditadura militar brasileira, a partir do sofrimento de uma família que, apesar dos padecimentos, triunfa diante do regime de terror dos generais.

A cena icônica na qual Eunice (Fernanda) ordena à família que abra um sorriso largo, contrariando o pedido do editor da revista que orientara o repórter a obter uma foto triste, consoante ao teor da entrevista, salienta a fibra da matriarca e a esperança apesar das trevas.

O certo é que o filme, por sua estética, forma e conteúdo, bem como pelo desempenho magistral de Fernanda Torres, rompeu a bolha e cativou um público amplo no Brasil e no exterior. Pesquisa Ipec realizada no início de fevereiro atestou que 80% dos eleitores de Lula se sentem orgulhosos pelo fato de o filme ter sido indicado a três Oscars, mas não só: 62% dos que votaram em Bolsonaro, também têm sentimento igual.

E qual seria o segundo motivo principal de um filme em língua portuguesa ter sido acolhido por estrangeiros de dezenas de países e ter vencido acirrada concorrência pelo Oscar?

Ainda Estou Aqui expressa um sentimento e suscita a neces-

sidade de tomada de posição que pulsa forte, sobretudo, nas Américas e na Europa, devido à força emergente da extrema direita e do neofascismo. O refrão da música de Erasmo Carlos sintetiza, digamos, a mensagem do filme: "É preciso fazer alguma coisa, meu amigo".



Foto: Fernanda Torres/ Reprodução

Por essas proezas de que somente a linguagem artística é capaz, **Ainda Estou Aqui**, partindo de um recorte das vítimas da ditadura militar brasileira, acontecido há mais de meio século, expressa no presente o que sente, o que pensa e o que inquieta, as pessoas de grande parte do mundo.

A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, organizadora do Oscar e pilar da poderosa indústria de Hollywood, encontra-se emparedada pelas pressões do governo ultradireitista de Donald Trump, visto que em maioria não apoiaram o neofacista.

A vitória de **Ainda Estou Aqui** no Oscar vai inspirar e impulsionar a jornada pelos direitos humanos, pela democracia, além de alavancar a produção cinematográfica do país e elevar autoestima dos brasileiros. Vale, sim, comemorar – e muito.



Foto: Elza dos Santos/Arquivo Pessoal/ Reprodução

COMO EUNICE PAIVA E OUTRAS BRASILEIRAS ENCARAM A DOR E A DEMORA POR DIREITOS

No oito de março, Dia Internacional da Mulher, Luiz Claudio Ferreira, repórter da Agência Brasil, com a colaboração da repórter Sayonara Moreno, da Rádio Nacional, publicou matéria contando a história de outras mulheres que lutaram e lutam por justiça para suas famílias e pela democracia, aqui editada por limitação de espaço:

O dia oito de março era sempre de celebração especial do aniversário [da costureira] de Elza dos Santos. [Os seis filhos] comemoravam a vida dela, a "rainha" deles, na casa de um quarto em que todos moravam no Rio de Janeiro.

Foi também em um mês de março, no dia 15, em 1971, que a dor passou a ocupar espaço naquela casa. Foi aquele o dia

em que o filho mais velho, (...) o estudante Joel Vasconcelos, de 21 anos, que também era sapateiro e ajudava nas despesas da casa, foi preso por agentes da ditadura militar e desapareceu.

Elza, então, iniciou um périplo. Carregava a foto do filho por onde ia. Buscou notícias, chorou escondida a ausência do rapaz, que era idealista e diretor da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes).

Porém, mesmo diante do desespero que se abateu, ela pedia que os filhos não deixassem de sorrir enquanto lutava para que dessem informações ou entregassem o corpo ou a certidão de óbito. Elza morreu em 1994, aos 64 anos, sem ter o corpo do filho.

Uma das filhas de Elza, a advogada Altair de Almeida, de 68 anos, recorda que a mãe "ficava na escadaria da Cinelândia todos os dias com a foto do meu irmão. Nunca se calou, procurou o presidente, o papa.

Não tinha quem não a conhecia", lembra Altair que perdeu o irmão, quando ela era uma adolescente de 14 anos.

Histórias como a dessa família foram reconhecidas, principalmente após o relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV), em 2014, e passaram a ter nova chance de visibilidade com as repercussões do filme "Ainda Estou Aqui", sobre a luta de Eunice Paiva, viúva do ex-deputado Rubens Paiva.

De acordo com a historiadora Lorrane Rodrigues, coordenadora executiva do Instituto Vladimir Herzog, são as mulheres que levam à frente as políticas de memória, verdade e justiça para a América Latina como um todo, incluindo o Brasil. "Essa repercussão toda causada pelo filme é muito importante para a gente entender qual é o papel dessas mulheres, seja no período da ditadura militar ou em outros períodos que o país já viveu", afirma a pesquisadora.

PERDA E LUTA

Uma das fundadoras do movimento Tortura Nunca Mais, a professora Victória Graboys, de 81 anos, perdeu o pai (Maurício, ex-deputado, de 61 anos), o irmão (André, estudante, de 27) e o marido (Gilberto Olímpio, jornalista, de 31) em 1973, assassinados na região do Araguaia. A família nunca recebeu os corpos. “Eu acho que eu vou morrer sem resposta”, lamenta.

Ela acredita, no entanto, que o filme *Ainda Estou Aqui* traz nova perspectiva para a luta das famílias dos desaparecidos e espera que o Supremo Tribunal Federal (STF) vote para desengavetar processos sobre o assunto que estão na Corte. “A repercussão do filme é muito interessante para a nossa luta. Tem histórias de mães que precisam ser contadas no Brasil.

Muitas mães eram donas de casa, professoras, operárias. Essas mulheres levaram a luta”, diz.

Ela defende que o Estado brasileiro precisa abrir mais arquivos do que ocorreu durante o regime que durou 21 anos. “Se hoje a gente fala de ditadura, isso se deve às mulheres, às mães, às esposas, companheiras”, afirma Victória Graboys, que ficou sabendo das mortes do pai e do marido pelos jornais. Desde então, considera que os direitos ocorreram a “conta-gotas”.

A certidão de óbito, que reconheceu que os familiares haviam sido mortos durante a ditadura, foi importante, segundo Victória, para que a família pudesse acessar recursos de pessoas assassinadas. Inclusive para fazer com que a vida continuasse. Quando eles morreram, o filho de Victória tinha apenas quatro anos de idade.

PRISÃO AOS QUATRO MESES

Eram crianças também, em São Paulo, quatro filhos dos operários Virgílio Gomes, de 36 anos, e Ilda Martins, de 38. Virgílio foi considerado o primeiro desaparecido político da ditadura militar. Ele foi preso em setembro de 1969 por militares, encaminhado para o Departamento de Ordem Política e Social (Dops), onde foi torturado e assassinado, mas nunca o corpo foi entregue à família.

A mais nova dos filhos, Isabel, tinha quatro meses de vida quando foi raptada pelos militares junto com os irmãos (todos crianças) e entregues para o juizado. Virgílio era um dos militantes mais procurados do Brasil porque foi o comandante do sequestro do embaixador norte-americano no Brasil, Charles Burke Elbrick. A operação negociou a libertação de 15 prisioneiros.

Foto: Virgílio Gomes/ Arquivo Pessoal/ Reprodução





Hoje, Isabel, que é professora, tem 54 anos de idade e vive em São Paulo depois de voltar de Cuba, onde a família se exilou com a mãe. “A história da família (de Rubens) Paiva é muito parecida com o que aconteceu com a nossa família. Minha mãe ficou viva com quatro filhos para criar. Eu era a filha menor”. Quando foi preso, o irmão mais velho tinha nove anos.

No dia da prisão da mãe (30 de setembro), o carro dos militares com a família chegou a capotar. “Minha mãe tentou me proteger e ninguém se machucou gravemente”. Ilda, que ficou mais de um ano presa no Dops e no presídio Tiradentes, também em São Paulo, tem hoje 94 anos de idade e está lúcida.

“Ela sente muito até hoje sobre o período em que ficou separada dos filhos. De vez em quando, lembra disso e chora”, diz a filha. As crianças, depois de quatro meses no juizado da infância, foram abrigadas por outros familiares.

Depois que a família passou mais de uma década exilada em Cuba, Ilda pediu que todos voltassem para o Brasil depois que se formassem no ensino superior.

Para Isabel, a mãe é uma heroína, tanto por ter lutado ao lado do pai quanto para manter força para criar os quatro filhos depois que o marido foi sequestrado e morto pelos militares. “A nossa luta agora é por encontrar os restos mortais. O Brasil nunca fez um julgamento correto”, avalia.

NA PORTA DAS CADEIAS

Com persistência e força, mesmo diante de dor e trauma, nessa busca [muitas mulheres] fizeram com que a luta permanecesse viva e presente. Como é o caso de Diva Santana que, aos 81 anos, é representante dos familiares na Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos.

Ela procura a irmã, Dinaelza Coqueiro que, há 50 anos, foi morta pelos

militares na Guerrilha do Araguaia. Diva fala do papel das mulheres [que andavam] pelas portas das cadeias, buscando por seus familiares perseguidos e presos.

“Essas mulheres lutaram, ao longo da nossa história, e continuam lutando para que tenhamos um país justo, democrático e humano antes de tudo”.



Zezé Weiss - Jornalista.

Editora da Revista Xapuri, com a colaboração de Adair Rocha, memórias pessoais e informações obtidas nas seguintes fontes: <<https://apublica.org/2024/12/o-legado-de-eunice-paiva-para-o-direito-indigena/>>

<<https://vermelho.org.br/editoriais/ainda-estou-aqui-arrebata-o-oscar-e-inspira-a-luta-pela-democracia/>>

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-03/mulheres-lutaram-pela-familia-durante-e-depois-da-ditadura>>

<<https://fpabramo.org.br/focusbrasil/2025/02/27/vera-paiva-minha-mae-sempr-disse-que-era-um-crime-contra-o-brasil-nao-contra-a-familia/>>



***“NÓS NUNCA SOUBEMOS
SOBRE EUNICE PAIVA,
DE CERTA FORMA.
SABÍAMOS SOBRE
MARCELO RUBENS PAIVA,
MAS ELA
NUNCA TEVE VONTADE
DE SER FIGURA PÚBLICA.
E ERA UMA HEROÍNA.
UMA MULHER
QUE DEIXOU DE SER VIÚVA
PARA SER MÃE,
ENFRENTOU A TRAGÉDIA,
EVITOU O MELODRAMA,
E ACREDITAVA QUE A MANEIRA
DE LUTAR CONTRA A DITADURA
E O AUTORITARISMO
ERA POR MEIO DA EDUCAÇÃO
E DA JUSTIÇA”***

Fernanda Torres

**GRATIDÃO, FERNANDA TORRES,
por seu imenso talento
e por sua interpretação magistral
dando vida à Eunice Paiva
no filme Ainda Estou Aqui.**



MARÇO NA FLORESTA SEGUNDO O CALENDÁRIO ASHANINKA

Manuela Cardoso da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida

Foto: Rodrigo J. Fernandes/Divulgação/Wikimedia



O sapo-de-enxurrada acasala-se a partir dessa época até o final das chuvas. Esses sapos inflam seus papos quando cantam – o que fazem só no inverno [tempo de chuvas na Amazônia] – e passam o verão inteiro calados. Cantam mais à noite; quando o fazem durante o dia é sinal de alagação ou de muita chuva.

É o início do famoso tempo do macaco gordo, que vai mais ou

menos até o final de maio. De todos os macacos, só o capelão não engorda nesse período. Várias espécies deles estão com os filhotes entre março e abril. Quando a fruta do café-bravo amadurece, o papagaio, o jacamin, o periquito, a curica e o mutum estão gordos. É o tempo em que a uimbra floresce.



Manuela Carneiro da Cunha – Antropóloga. Excerto do livro *Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos das Populações*, Companhia das Letras, 2002.



Mauro Almeida – Antropólogo. Excerto do livro *Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos das Populações*, Companhia das Letras, 2002.



“AS MARCAS DA TORTURA SOU EU. ELAS FAZEM PARTE DE MIM”

Dilma Rousseff

Se o interrogatório é de longa duração, com interrogador “experiente”, ele bota no pau-de-arara por alguns momentos e depois leva para o choque, uma dor que não deixa rastro, só te mina. Minha arcada [dentária] girou para o lado, me causando problemas até hoje, problemas no osso do suporte do dente. Me deram um soco e o dente se deslocou e apodreceu.

Talvez uma das coisas mais difíceis de você ser no interrogatório é inocente. Você não sabe nem do que se trata (...). Não se distinguia se era dia ou era noite. O interrogatório começava. Geralmente, o básico era o choque. Muitas vezes, também usava palmatória, usava em mim muita palmatória.

Em São Paulo usaram pouco esse método. No fim, quando estava para ir embora, começou uma rotina. No início não tinha hora. Era de dia e de noite. Emagreci muito, pois não me alimentava direito (...). Quando eu tinha hemorragia, na primeira vez foi na Oban (...) foi uma hemorragia (...) de útero. Me deram uma injeção e disseram para não bater naquele dia.

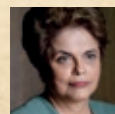
Em Minas, quando comecei a ter hemorragia, chamaram alguém que me deu comprimido e depois injeção. Mas me davam choque elétrico e depois paravam. (...) O estresse é feroz, inimaginável. Descobri, pela primeira vez, que estava sozinha. Encarei a morte e a solidão. Lembro-me do medo quando a minha pele tremeu. Tem um lado que marca a gente pelo resto da vida.

(...) Acho que nenhum de nós consegue explicar a sequência: a gente sempre vai ser diferente. No caso específico da época, acho que ajudou o fato de sermos mais novos; agora,



Foto: Arquivo Nacional/

ser mais novo tem uma desvantagem: o impacto é muito grande (...). Mesmo que a gente consiga suportar a vida melhor quando se é jovem, fisicamente, a médio prazo, o efeito é maior na gente por sermos mais jovens. Quando se tem 20 anos o impacto é mais profundo; no entanto, é mais fácil de aguentar no imediato.



Dilma Rousseff – Economista. Ex-presidenta do Brasil, Presidente do Banco Brics. Relatos de violências e torturas sofridas em cárceres de detenção e tortura do regime militar. Compilados por Zezé Weiss, para a Revista Extra-tos, edição especial, Sindicato dos Bancários de Brasília, dezembro de 2024.



Foto: Arquivo Nacional/

CHICO MENDES E CHE GUEVARA POR XAPURI

Elson Martins



Foto: divulgação

Chico Mendes foi um revolucionário amazônico ousado e terno. Che Guevara foi exaltado por Jean-Paul-Sartre, filósofo e um dos maiores nomes da literatura mundial, como “o ser humano mais completo da nossa época”.

Apesar da existência de contradições e impossibilidades, não é de todo incrível que os dois, Che e Chico, tenham se encontrado nas proximidades de Xapuri, no Acre, durante a guerrilha na Bolívia que levou o primeiro à morte. Chico disse que viu Che e falou com ele. É bom aceitar que alguma força tenha empurrado os dois para esse encontro simbólico.

O sociólogo e escritor Pedro Vicente Costa Sobrinho, que viveu um bom tempo no Acre como delegado do Sesc e professor da Universidade Federal do Acre, publicou em seu livro *Exercícios*

Circunstanciais, Editora Coivara, de Natal, em 1977, interessante capítulo sobre Chico Mendes.

O livro contém uma entrevista com o líder sindical e ambientalista assassinado em 22 de dezembro de 1988, em que ele diz ter mantido um encontro ocasional com Che Guevara. A revelação não é comum nas centenas de entrevistas que Chico concedeu em vida. E pessoas que foram muito próximas dele se espantam quando ficam sabendo do encontro.

O que todo mundo sabe e não questiona é que Chico foi alfabetizado no meio da floresta por um comunista, Euclides Távora, que era tenente da Coluna Prestes do movimento de 1930, e que se refugiou num seringal de Xapuri, próximo de outro seringal onde nosso herói amazônico nasceu.

Com ele, Chico aprendeu, além do bê-á-bá, bons rudimentos das teorias revolucionárias marxistas. Tanto que, num dado momento dos anos oitenta, por alguns meses pensou e agiu no sentido de transformar seringueiros em grupos de guerrilheiros, para fazer frente ao desmatamento empreendido na região por fazendeiros recém-chegados do centro-sul do país.

CONVERSA NO ENTRONCAMENTO

O encontro com Che Guevara, Chico relatou a Pedro Vicente assim:

“Nunca tinha visto seu retrato nos jornais, até porque não tinha nem revistas ou jornais no seringal. Tinha ouvido seu nome através da Rádio Central de Moscou. Não

me recordo bem o ano, creio ter sido em meados de 65 ou 66, eu estava caminhando do seringal para a cidade (de Xapuri).

As pessoas costumavam fazer longas caminhadas pela BR-317, na estrada velha, em direção a Brasiléia ou a Xapuri. Passava muita gente. Eu estava cansado e parei no bar, no entroncamento, a 12 quilômetros de Xapuri. Naquele instante chegou um cidadão vindo das bandas de Rio Branco.

Demonstrava ser uma pessoa muito educada, encostou-se no bar e puxou conversa comigo e com outros que estavam próximos. Falou que tinha interesse em conhecer a selva amazônica, principalmente os seringais e a selva boliviana. Indagou se eu era seringueiro, respondi que sim e há muitos anos.

Perguntou se eu não gostaria de acompanhá-lo até os seringais da Bolívia, pois não tinha costume de caminhar na selva. Precisava de uma pessoa que conhecesse os varadouros e o levasse na direção da fronteira. Dava para identificar que não era brasileiro, misturava um pouco de português com espanhol.

Ele conduzia uma mochila, falou que tinha joias que aproveitava a viagem para vendê-las e sobreviver durante o percurso. Não dispunha de muito dinheiro, mas perguntou quanto eu queria por dia para ir com ele até onde pudesse.

Não aceitei o convite. Alguém me disse que era perigoso, podia ser um bandido. Não acreditei, mas não podia ir. Alguns meses depois, em Xapuri, passei diante da delegacia e um retrato me chamou a atenção. Dizia que Che se encontrava em território boliviano para organizar o terror na região.

Fiquei abalado. Lembrei-me que havia visto e conversado com aquela pessoa no entroncamento. Nunca pude imaginar, pensei comigo mesmo, que aquela pessoa fosse um terrorista. Olhei várias vezes a fotografia.

Não tive a curiosidade de pegar uma propaganda, um cartaz e guardar comigo. Tempos depois, ao ler o livro sobre a guerrilha do Che na Bolívia, reafirmei a convicção de que cruzei com ele. Posso afirmar com certeza, era o Che!

O DISFARCE

Essa é uma história que exige a intervenção de um bom historiador e pesquisador para confirmá-la. Como sou apenas um cronista, vou me limitar a lembrar de algumas passagens que li na biografia de Che Guevara feita por Jon Lee Anderson e publicada em português pela editora Objetiva, em 1997.

Trata-se de um calhamaço de 920 páginas que encerra com a trágica aventura do grande revolucionário na Bolívia: Che foi assassinado por militares bolivianos em 9 de outubro de 1967, aos 39 anos de idade, na região do Beni, portanto não muito distante de Xapuri.

No ano de 1966, em que Chico Mendes teria se encontrado com Che, o grande revolucionário das Américas Latinas iniciava suas operações de guerrilha na Bolívia, com velhos companheiros de Sierra Maestra e alguns novos guerrilheiros treinados em Cuba, somando um grupo de 29 militantes. Guevara queria transformar a Bolívia num “Vietnam das Américas”, e, a partir daí, fazer a grande revolução transcontinental.

A base escolhida para início das operações ficava no sul da Bolívia, no lado oposto à fronteira com o Acre. Entretanto, Che preferia desde o começo a região do Beni, do lado de cá, o que pode significar que ele já a conhecia e, neste caso, poderia ter entrado na região pelo Acre, e cruzado com Chico Mendes.

Contra essa possibilidade, porém, pesa o rigor da segurança que cercava Che Guevara por onde quer que ele fosse. Se bem que na época, a estrada de Xapuri e Brasiléia, caminho para a Bolívia via Cobija, no Departamento de Pando, não

tinha as grandes fazendas que tem hoje. Era ainda um caminho por dentro da selva. E dentro da selva, Che se transformava num ousado comandante de guerrilha.

Outro ponto contraditório é que, para iniciar sua aventura final na Bolívia, Che passou por radical operação em seu visual para não ser reconhecido: arrancou fio a fio parte de sua cabeleira, tornando-se meio careca, e colocou uma dentadura postiça para “engardar” o rosto.

Além disso, cortou o restante do cabelo e passou a utilizar óculos na figura de um homem de negócios de origem uruguaia, com o passaporte de Adolfo Mena González. Foi assim que ele desembarcou em La Paz.

Antes, ainda em Cuba, Fidel Castro organizou um encontro de despedida convidando todos os ministros e os velhos companheiros de Che na revolução. Apresentou a eles, como brincadeira, o “industrial uruguaio”, e ninguém reconheceu o velho amigo e comandante da revolução cubana. Com o mesmo disfarce, Che despediu-se da família, sendo apresentado aos filhos como “Tio Ramon”; não podia revelar-se por questões de segurança.

Uma das filhas, Aliusha, de quatro anos, abraçou Che (o pai), deu-lhe um beijo e depois comentou com a mãe:

“Mama, acho que esse velho está apaixonado por mim”. Che ouviu o comentário e chorou.



Elson Martins – Conselheiro da Revista Xapuri. Jornalista e escritor acreano, nascido no Seringal Nova Olinda, em Sena Madureira, foi o criador do Varadouro na década de 1970. Também foi correspondente de O Estado de São Paulo para a Amazônia. Teve passagens pelas imprensas do Acre, do Amapá e do Pará. Agora, volta a escrever nas páginas digitais do novo-velho Varadouro (<https://ovaradouro.com.br/>), onde esta matéria foi publicada originalmente, em agosto de 2023. Contato: almanacre@gmail.com



MARIELLE, QUEM ERA VOCÊ?

Anielle Franco

**Quando conhecemos o amor, quando amamos,
é possível enxergar o passado com outros olhos.
é possível transformar o presente e sonhar o futuro.
Esse é o poder do amor. O amor cura.**

Bell Hooks



Foto: Divulgação/ Wikimedia

Lembra que cheguei aquele dia em casa com uma camiseta do Martin Luther King? Porra, você me encheu o saco. Fez um monte de perguntas até se convencer de que eu conhecia a história do pastor norte-americano. Só daí você disse que eu podia usá-la. “É feio usar a imagem de quem a gente não sabe o que representava”. Sempre lembro desse dia quando vejo seu rosto estampado por toda parte.

Irmã, você ia ficar DE CARA. Seu rosto está estampado nos muros das cidades, em bandeiras, camisetas, adesivos. Na internet, há milhares de ilustrações do seu rosto. Isso tem me incomodado muito. Tem gente que nunca ouviu falar de você antes disso tudo e hoje vende sua

foto, sua imagem, candidaturas e pautas com seu nome.

Alguém disse que não sou dona da sua história, que sua vida é pública. É muito maluco viver um luto público. Todo mundo acha que conheceu você, que sabe quem você foi. “A forma como vivemos o nosso luto é informada pelo fato de conhecermos ou não o amor”.

Você virou um símbolo e enxergo a força disso. No entanto, é difícil aceitar que você não é apenas a minha irmã. Você é uma mártir, como foi e é Martin Luther King.

Recebi [e recebo] tantos convites pra falar sobre você no Brasil e no exterior que nem acredito. Não consegui [e não consigo] aceitar muitos, porque eu tenho que continuar trabalhando.

Me sinto só o tempo todo e, muitas vezes, confusa. Quem era você? É estranho dividir você com o mundo. E quem sou eu agora que falo por você? O seu destino também era o meu?

Tenho começado a colocar tudo o que eu sinto no papel. Entendo cada vez mais a Conceição Evaristo:

“Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva da sua escrita, e muitas vezes o é.”

Se eu entender quem sou eu, vou entender quem você era?



Anielle Franco – Professora e Jornalista. Em *Minha Irmã e Eu – Diário, memórias e conversas sobre Marielle*. Editora Planeta, 2022.



CAATINGAS E CERRADOS

Altair Sales Barbosa

As caatingas penetravam por numerosos compartimentos interiores dos atuais planaltos intertropicais brasileiros, em áreas hoje dotadas de cerrados ou matas. Cerrados e cerradões, assim como tipos de vegetação a eles associados, tiveram amplas penetrações pela Amazônia oriental e central, talvez se conectando com áreas similares, hoje reduzidas, do Roraima-Guianense e dos Lhanos do Orinoco.

Somente o domínio dos Cerrados, nos altiplanos centrais, resistiu parcialmente à expansão dos climas secos, cedendo espaço às caatingas, nas depressões periféricas e interplanálticas (depressão entre os chapadões do Urucuia e o planalto

do centro de Goiás, áreas deprimidas ao norte de Brasília e Anápolis, pediplano cuiabano, pediplano do Alto Araguaia, depressões monoclinais intrachapadões).

Com isso, uma faixa intermediária de caatinga restou intercalada entre os remanescentes principais dos Cerrados da área nuclear e a faixa sul e oriental da Amazônia.

O geomorfologista Aziz Ab'Saber acredita terem existido duas grandes áreas core de Cerrado. A primeira, representada por um macroenclave no alto dos chapadões do Brasil Central. Este macroenclave permanecia ilhado entre Goiás e Mato Grosso, tendo por entorno uma complexa rede de paisagens, onde ocorriam

caatingas (norte, leste, oeste) e estepes e prados (sul e sudeste); no entremeio apareciam raríssimos refúgios florestais do tipo orográfico.

A segunda área core de Cerrados teve grande presença nos tabuleiros e baixos chapadões amazônicos, convivendo com grandes manchas de matas de galerias e múltiplos enclaves de vegetação subxerófila, provavelmente caatingas.



Altair Sales Barbosa - Doutor em Antropologia / Arqueologia. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás. em *Andarilhos da Claridade* - os primeiros habitantes do Cerrado. Universidade Católica de Goiás, 2002.



SOBRE EUNICES, CLARICES, THEREZAS, ELIZABETHS, MARIAS...

Inês Ulhôa



Foto: Arquivo Nacional/

Os dias que antecedem o Dia Internacional da Mulher, em 8 de março deste ano, foram marcados por controvérsias devido ao enorme sucesso que teve em seu centro a premiação do Oscar para o papel de melhor atriz.

Estavam no jogo duas mulheres sexagenárias, uma jovem atriz, uma transexual e uma mulher

negra. Cada uma delas desempenhava um papel marcante e forte atuação. Pois foi justamente nos papéis desempenhados que as controvérsias foram marcantes, mas que não serão aqui analisados.

O que se quer são os temas geradores desse debate, que levantaram questões como feminismo, etarismo, transexualidade,

movimento negro, LGBTQIA+ e lutas sociais e libertadoras.

É bastante interessante este debate vir no momento em que a visibilidade da mulher ganha força a cada edição do Dia Internacional da Mulher. E o filme "Ainda estou aqui", que deu o primeiro Oscar ao Brasil, é responsável por retratar o drama de Eunice Paiva, repre-



sentando a dor e o sofrimento de tantas outras mulheres vítimas da ditadura militar, que, no Brasil, durou 21 anos.

Estamos falando de Clarices, The-rezas, Elizabeths e Marias que também estão retratadas neste drama e que também sofreram os horrores do obscurantismo representado pela ditadura militar, mas que foram protagonistas e vozes da resistência.

Essa geração de mulheres lutadoras se tornou mais reconhecível a partir da criação da Comissão Nacional da Verdade, em novembro de 2011, pela presidenta Dilma Rousseff, para investigar as violações de direitos praticadas pelo Estado brasileiro entre 1946 e 1988, com foco nos 21 anos de ditadura militar, juntamente com a Lei de Acesso à Informação, que determina, entre suas atribuições que informações ou documentos que versem sobre violações de direitos humanos não podem ser objeto de restrição de acesso ou destruição.

A Comissão conseguiu gerar um enorme acervo, fruto de uma luta incansável de vítimas e testemunhas dos tempos sombrios da ditadura militar. O relatório final orienta que o Estado Brasileiro responsabilize juridicamente as pessoas apontadas como responsáveis pelas violações de direitos. Sugere ainda que seja criado um órgão de governo para dar continuidade às buscas de restos mortais de 210 pessoas que seguem desaparecidas.

Neste dia 8 de março, em que o feminismo já se encontra espraiado e as mulheres ocupando espaços que lhes são devidos, não se pode esquecer das mulheres que, desde os anos 1800, lograram a luta pela igualdade de direitos entre os gêneros como condição necessária para a emancipação da mulher.

Como consequência desse movimento, foi realizada, em 1907, a Primeira Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, que trouxe em sua resolução final como principal reivindicação "o direito ao sufrágio universal da mulher para as mulheres adultas, sem

limitação alguma no que se refere à propriedade, ao pagamento de impostos, ao grau de educação ou a qualquer outra condição que exclua aos membros da classe operária do exercício deste direito".

Essa resolução já demonstrava a importância da educação e do conhecimento no caminho do pensamento crítico em vistas da libertação para as classes oprimidas para entender sua opressão e reivindicar igualdade de justiça. O que deixa evidente que o Dia Internacional da Mulher é o dia da mulher trabalhadora.

A prática de celebrar esta data é momento de valorizar e reconhecer o trabalho das mulheres, seja em qualquer espaço. Por isso, torna-se urgente a atuação do Estado, em sincronia com as questões do nosso próprio tempo, na promoção de mudanças estruturais e culturais que favoreçam a inserção da mulher nos espaços públicos, nas universidades, no incentivo à educação antissexista e antirracista e à redução na distância salarial entre homens e mulheres,

comprometendo-se por maior valorização e reconhecimento do trabalho das mulheres.

E porque a história demonstra não estar completa no que diz respeito à valorização e reconhecimento do papel da mulher na sociedade é que a Editora UnB se soma ao coro de vozes que reivindicam a construção do conhecimento, que tem a educação como prática da liberdade, trazendo o visível e o invisível na produção de ideias para os processos de enfrentamento e resistência.

Nessa dinâmica, ressaltamos a quantidade de obras de autoria feminina do nosso acervo na produção do conhecimento, o que revela uma política de fortalecer a presença de mulheres intelectuais no pensamento social, cujas interpretações ajudam a conscientizar, libertar, humanizar.

Um viva às mulheres guerreiras de todo o mundo!



Inês Ulhôa –
Jornalista.



Foto: Alinda Estou Aqui/ Divulgação



Foto: 2001: Odisseia no Espaço/ Divulgação/

DE ÁGUA SOMOS

Eduardo Galeano

De água somos.

Da água brotou a vida. Os rios são o sangue que nutre a Terra, e são feitas de água as células que nos pensamos, as lágrimas que nos choram e a memória que nos recorda.

A memória nos conta que os desertos de hoje foram os bosques de ontem, e que o mundo seco foi mundo molhado, naqueles remotos tempos em que água e a terra eram de ninguém e eram de todos.

Quem ficou com a água? O macaco que tinha o garrote. O macaco desarmado morreu de uma

garrotada. Se não me engano, assim começava o filme 2001 – Uma odisseia no espaço.

Algum tempo depois, no ano de 2009, uma nave espacial descobriu que existe água na Lua. A notícia apressou os planos de conquista.

Pobre Lua.



Eduardo Galeano – Escritor, em *Os Filhos dos Dias*. Editora LGPM, 2012



VIVER-RESPIRAR

Ailton Krenak

A Terra não deve ser pensada apenas como uma morada, mas um lugar que nos foi oferecido para evoluirmos dentro do universo. É um lugar para nos conhecermos uns aos outros.

Nós precisamos cuidar com muito carinho dos nossos irmãos e de todos os seres, do contrário, não vamos mais poder viajar por este planeta que nos foi presenteado. Podemos perder a oportunidade da evolução espiritual.

*Na nossa língua Krenak,
a palavra viver é a mesma de respirar.*

Todo o universo respira.

*Por isso, no momento em que recebemos a vida,
entramos no ciclo da Terra
e nos mantemos coordenados
com a respiração do universo.*

Para nos mantermos responsáveis por sermos agraciados com a vida, buscamos nos iluminar e prosseguir o próprio caminho. E este, sim, é o verdadeiro significado de nossa passagem neste planeta.

Na mitologia Krenak, quando morremos, nos unimos com a fonte de energia que brilha e sustenta a vida de todo o universo. Após a morte, nos tornamos parte do Grande Poder Universal, que sustenta o planeta e o cosmos. Somos uma unidade de vida que extrapola o campo das experiências individuais de tal forma que nos expandimos para todo o cosmos.

Esta é, ao mesmo tempo, uma esperança que permite não termos medo da morte. Nascer e morrer é natural. Quando morre uma pessoa amada, o sentimento de perda nos faz querer que o tempo pare.

Mas, como isso não acontece, choramos. O choro lava a alma, como os rios, e torna possível voltar a seguir a vida.



Ailton Krenak – Líder indígena. Conselheiro da *Revista Xapuri*. Escritor imortal, em *Um Rio. Um Pássaro*. Dantes Editora, 2023.

CONFETES DO DOURO

Antenor Pinheiro, especial de Porto e Vila Nova de Gaia, Portugal



Foto: Antenor Pinheiro

Elas dançam sobre as águas, voam baixo em rasantes, sem rumo calculado, e riscam os céus ecoando gritos livres, como versos num papel que o vento da Ribeira leva às revoltas e trazem em forma de confetes. São as gaivotas-de-patas-amarelas, milhares de asas soltas e abertas. Na Cidade Baixa, o tempo descansa e desfia as ruelas de pedra regadas de vinhos, e o rio, espelho de céu e fado, beija barcos que partem e retornam, num vai e vem de marés e promessas que

o Porto e Gaia conhecem de cor. São explícitas molduras antigas a singrar, lentas embarcações ao relento a conduzir as gentes entre aquelas gaivotas agitadas que rasgam silêncios, enredadas por canções entre pontes que reportam histórias e fachadas incrustadas de saudades. O Douro segue silente seu fado, leva densa e mansamente as luzes na corrente, e deixa estampado no ar bordado de confetes os voos brancos em festa solene, quase transparentes, que nunca findam.



Antenor Pinheiro –
Geógrafo. Membro do
Conselho Editorial da
Revista Xapuri.





O TRATAMENTO DAS DOENÇAS NO ARRAIAL DE COUROS

Alfredo A. Saad

Como os médicos chegaram a Formosa somente no final do século dezenove, o tratamento das doenças, em Couros, era feito à maneira popular, à custa de rezas e benzeções, por curandeiros.

A administração dos remédios, provenientes da farmacopeia popular, preparado com ervas das matas e do cerrado, era feita por conta do doente ou de sua família.

Evidentemente, a proporção de curas sobre o total de doentes era mínima e, principalmente, devido ao acaso e aos mecanismos de defesa do organismo. Não havia como curar os sintomas surgidos após uma picada de cobra venenosa, pois o soro antiofídico difundiu-se na região somente após os anos quarenta. Se o animal não fosse venenoso, as rezas produziriam efeito rápido, o enfermo sarava, e o *milagre* fazia aumentar a fama do benzedor; se o réptil fosse

venenoso, atribuía-se a Deus e à ira celeste a morte da vítima.

Na região, muitos acreditavam na excelência de algumas panaceias, especialmente preparadas por curandeiros notórios e destinadas ao combate aos efeitos das picadas venenosas. Na região de Formosa, no final do século vinte, ainda podiam-se encontrar fabricantes de pomadas miraculosas capazes de curar picadas de cobras.

Para essas picadas, existia, na região, desde os anos quarenta, e ainda encontrado, um substituto das benzeções, o preparado denominado "pó de Lafayette", batizado com o nome do criador. Muitos criadores de gado ainda utilizam o *herpetoprotetor* porque confiam mais nele do que nos antídotos do Instituto Vital Brasil.

A composição do pó é desconhecida, mas supõe-se que ela seja uma combinação de extratos

secos de plantas do cerrado e das matas do Planalto Central.

Como preventivo contra as doenças, em geral, era comum que as pessoas – principalmente as mulheres – pendurassem ao pescoço trouxinhas (patuás), contendo amuletos especiais, às vezes, simples pedaços de papel, no qual grafavam-se orações.

Aqueles mais ricos, possuíam escapulários pendentes ao pescoço, contendo fragmentos de ossos de santos milagrosos, por exemplo. Os homens, para não trazerem aqueles saquitéis à mostra, guardavam-nos nos bolsos – mas não os dispensavam, nunca.



Alfredo A. Saad (1938-2011)

– Escritor formosense, em *Álbum de Formosa* – um ensaio da história de mentalidades, obra póstuma, 2013.

LEONI TERESINHA PHILIPPSEN: PRIMEIRA MULHER ELEITA PARA PRESIDIR A FEDERAÇÃO



Foto: Ana Bering (@_andbering)



A Federação Centro-Norte realiza seu IV Congresso Regional, nos dias 31 de outubro e 1º de novembro de 1999, e elege a primeira mulher como presidente, a funcionária do Banco do Brasil Leoni Teresinha Philippsen, diretora do Sindicato do Mato Grosso. Antes dela, Simone Valle Barbosa, bancária do Bemat, havia sido presidenta da Comissão Provisória que fundou a Federação em 1990.

Também presidenta da CUT/MT entre 2004 e 2006, Leoni Teresinha Philippsen, a primeira mulher eleita em congresso para presidir a Feteccut Centro Norte, em 1999, foi homenageada na comemoração dos 35 anos da Federação, na noite do dia 21 de janeiro, na sede do Sindicato dos Bancários, em Brasília.

Durante o I Congresso da Federação – FEEB-MT-RO-AC e TO, Maria Antonia Soares de Assis (SEEB/AC) foi eleita como 2ª Secretária Geral, e Adriana A. do Carmo Angeli (BERON/RO) elegeu-se 1ª Secretária de Saúde e Cond. Social, para a gestão 1991-1993. No mesmo período, Edna Andrade de Souza (SEEB/MT) ocupou a Secretaria de Saúde do Trab. e Cond. Trabalho na Diretoria Regional da Federação em Mato Grosso.

No II Congresso, gestão 1993/1996, Maria Antonia Soares de Assis (AC) foi eleita Secretária de Bancos Estaduais.

No III Congresso, gestão 1996/1999, três mulheres foram eleitas: Maria das Dores Miranda de Lima (AC) – 2ª Secretária de Formação Sindical; Dalva Alves da Silva (BSB) – Secretária de Assuntos Internacionais; e Gisele Torres Martini (BSB) – Secretária de Bancos Federais.

No IV Congresso, gestão 1999/2002, além de Leoni Teresinha Philippsen como presidenta, também foram eleitas: Maria José Souza dos Santos (RR) – 2ª Secretária de Assuntos Jurídicos; Dalva Alves da Silva (BSB) – 2ª Secretária de Assuntos Internacionais; e Vera Lúcia dos Remédios Paoloni (PA) – Secretária de Bancos Privados.

O V Congresso, gestão 2002/2005, reelegeu Leoni Teresinha Philippsen como presidenta, e: Marly Terezinha Ferreira (RO) – Secretária de Assuntos Jurídicos; Andrea Freitas de Vasconcelos (RR) – 2ª Secretária de Assuntos Jurídicos; Edjane de Araujo Batista – 2ª Secretária de Formação Sindical; e Vera Lúcia dos Remédios Paoloni (PA) – Secretária de Bancos Privados.

No VI Congresso, gestão 2005/2008, foram eleitas: Sonia Maria Rocha (MT) – Presidenta; Leonice Maria Pereira de Souza (MT) – Secretária Geral; Marly Terezinha Ferreira (RO) – Secretária de Assuntos Jurídicos; Andrea Freitas de Vasconcelos (RR) – Secretária de Formação Sindical; Leoni

Teresinha Philippsen – Secretária de Relações Internacionais; Leila de Matos Bertasso (BSB) – Secretária de Políticas Sociais; e Edjane de Araujo Batista (AC), Secretária de Bancos Federais.

O VII Congresso, gestão 2008/2011, reelegeu Sonia Maria Rocha (MT) como Presidenta; Marly Terezinha Ferreira (RO) – Secretária de Assuntos Jurídicos; e Andrea Freitas de Vasconcelos (RR) – Secretária de Formação Sindical. Também foram eleitas: Edjane de Araujo Batista (AC) – Secretária de Políticas Sociais e Ana Bianca Tavares C. Silva (BSB) – Secretária de Bancos Estaduais.

No VIII Congresso, gestão 2011/2014, Andrea Freitas de Vasconcelos (RR) elegeu-se Secretária Geral; Sonia Maria Rocha (MT) – Secretária de Formação Sindical; e Elmira Oliveira de Farias (AC) – Secretária de Política de Igualdade.

No IX Congresso, gestão 2014/2017, Marly Terezinha Ferreira (RO) foi eleita Secretária Geral; Sonia Maria Rocha (MT) – Secretária do Ramo Financeiro; Marlene Rodrigues Dias (BSB) – Secretária de Saúde e Cond. Trabalho; e Janine Lira Fontineli da Silva Martins (AC) – Secretária de Política de Igualdade.

No X Congresso, gestão 2017-2021, foram eleitas: Sonia Maria Rocha – Secretária Geral, Conceição de Maria Costa – Secretária de Administração e Finanças; Neide Maria Rodrigues (CGR) – Secretária de Bancos Privados; e Maria Aparecida Souza (BSB) – Secretária da Mulher.

O XI Congresso, gestão 2021/2024, elegeu: Talita Régia da Silva (BSB) – Secretária de Org. Ramo Financeiro; Maria de Jesus Demétrio Gaia (BSB) – Secretária de Relações Internacionais; Rafaella Freitas de Oliveira (BSB) – Secretária de Saúde e Cond. Trabalho; Neide Maria Rodrigues (CGR) – Secretária de Bancos Privados; Elis Regina Carmelo Silva (BSB) – Secretária da Mulher, Jéssica do Nascimento Silva (RR); Secretária da Juventude; e Leonice Maria Pereira de Souza (MT) – Secretária de Combate ao Racismo.

Fonte: Feteccut/Centro Norte: A Federação da Amazônia, Pantanal, Cerrado e Mata Atlântica – 35 Anos de Lutas e Conquistas. Brasília, 2025.



NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER: DILE, FERRO QUENTE E POESIA

— José Bessa Freire

S	E	N	T	I	N	A	
			I				
		J	A	C	U		
			Doença (Pop.) Cri-cri				
D	E	S	C	O	M	E	R

Foto: TaQuiProfi

"Yo nací un día que Dios estuvo enfermo, grave".

(César Vallejo. Poema Espergesia, 1918)



– Mãe, telefone! É a tia Dile! Quer falar contigo sobre o aniversário dela.

– Carol, avisa que não posso atender. Diz que estou ocupada, fazendo “Palavras Cruzadas”. Depois retorno a ligação.

“Palavras Cruzadas”? É. Assim, entre aspas. A Dile entendeu aquilo que o eufemismo anunciava discretamente: estou na **sentina** – palavra em desuso (latrina, retrete, sete letras na horizontal).

Essa forma de falar veio da **tia** (irmã da mãe, três letras na vertical), que tinha mania de fazer crucigramas na hora de **descomer** (verbo de oito letras na horizontal); em amonês, é o mesmo que **“esvaziar a gaiola do jacu”**, pássaro de cauda longa e papo vermelho, que voa no céu do Solimões e evacua muitas vezes ao dia.

Entenda: Dile, professora e funcionária aposentada da Legião Brasileira de Assistência (LBA) é a Ângela Maria. Quem atendeu ao telefonema foi a Carol, filha da Preta, responsável pelos salgadinhos do aniversário neste 8 de março. Enquanto a mãe cruzadista, sentada no “trono”, preenche com letras os quadra-

dinhos, ao mesmo tempo em que esvazia a gaiola do jacu, aproveito para contar o caso emblemático do ferro de passar roupa.

O FERRO NA BARRIGA

Dona Elisa distribuía semanalmente as tarefas domésticas entre as quatro filhas maiores. Naquele sábado, coube à terceira delas, ainda adolescente, passar a roupa da família com o ferro a brasa, só depois substituído pelo elétrico.

Ela o sacudi repetidas vezes em um movimento pendular para a brasa do carvão ficar bem acesa. Avaliou a temperatura, tocando levemente o fundo dele com o dedo molhado na saliva. Estava quente, muito quente. Neste caso, o recomendável é começar passando a roupa mais grossa.

Acontece que um irmão, “galinho de briga”, estava apressado e exigiu que ela engomasse primeiro sua camisa de trico-

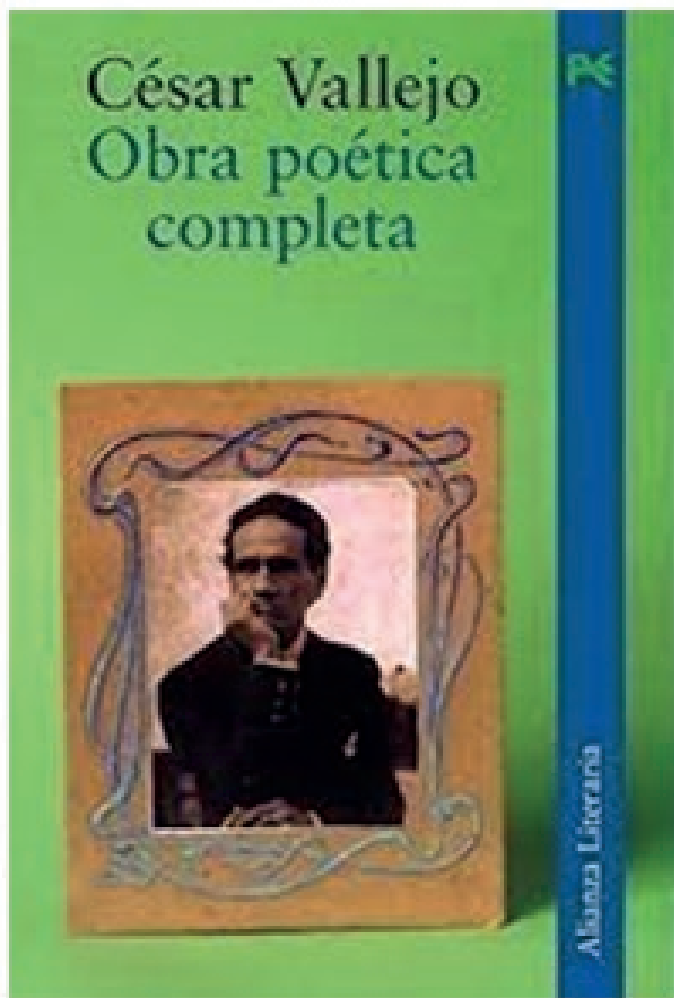
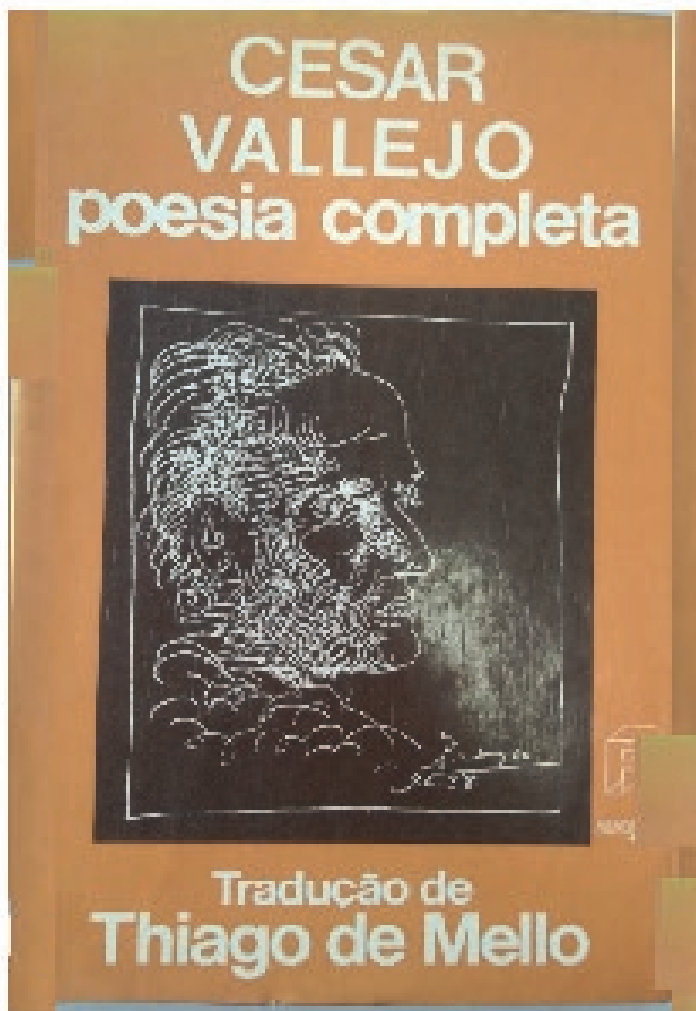
line amarrotada. Dile se negou, explicou que podia queimar o tecido leve e macio. Teve bate-boca. Machista, ele insistiu e avançou para agredi-la.

O pau comeu na casa de Noca. Para se defender e mostrar quão quente estava o ferro, ela o encostou na barriga do agressor. O chiado e o crepitar de carne queimada até hoje perdura na memória, com um sentido pedagógico: ele se transformou – quem diria? – em ardoroso feminista.

Que milagre não faz um ferro quente! Dile é assim, destemida educadora antimachista, não leva desaforo pra casa e nem pra rua. Divorciada, tem um casal de filhos – Sandra e Amaro Júnior, criados desde sempre sem a presença e o apoio do pai, que se pirulitou ou foi pirulitado. As netas Isabel, Beatriz e Mariana e a nora Janaína residem com ela.

Será exagero dizer que Dile mantém uma ligação por via astrológica com o peruano César Vallejo, um dos maiores poetas em língua espanhola? É que ambos, embora nascidos com mais de meio século de diferença, são do mesmo signo do zodíaco: Peixes. E do mesmo planeta dominante: Netuno.





O ÓDIO DE DEUS

Piscianos mantêm semelhanças e diferenças. Destaco aqui algumas para, dessa forma, manifestar admiração e amor pelos dois aniversariantes, dando a conhecer seus perfis aos raros e desocupados leitores. Convém lembrar que as *Obras Completas de Vallejo* foram traduzidas ao português pelo nosso poeta Thiago de Mello. Quem passar pelo planeta sem conhecer as histórias da Dile e a poesia de Vallejo, não sabe o que perdeu.

Dona Maria Mendoza Vallejo teve 12 filhos: 4 mulheres e 8 homens. O caçula César dedicou ao mais velho, que morreu afogado no rio Patarata, o poema *A mi hermano Miguel*, com quem costumava brincar de esconde-esconde.

Dona Elisa Bessa teve 12 filhos, 8 mulheres e 4 homens, o caçula Domingos Sávio morreu afogado no igarapé do Mindu, em Manaus.

Vallejo nasceu em 16 de março – “um dia em que Deus estava gravemente enfermo”, como repete no estribilho do seu poema. O parto foi nos Andes, a 3.100 metros de altura, em Santiago de Chuco. Talvez

por isso ele viu Deus acamado. Sua mãe, católica, queria interná-lo no seminário para que fosse padre. Ele resistiu. Sua poesia, porém, está impregnada do evangelho, atribui a Deus traços humanos: *adoecer, odiar*. Desamparado e triste, lamenta não ter quem cuide dele e ecoa o grito do crucificado (Mateus 27,46):

– *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*

Vallejo se desespera com o silêncio de Deus, se sente órfão, não entende os mistérios da existência. Por que tem tanto filho de Deus malvado neste mundo? Por que tem tanta gente que sofre? Sua obra se alimenta dessas obsessões: os golpes do destino e a agonia entre o tempo e a morte. Anseia por solidariedade e justiça – como observa o crítico literário Américo Ferrari.

O poeta morou na França, onde morreu, e na Espanha, durante a Guerra Civil, quando escreveu em 1937 o poemário *Espanha*, afasta de mim este cálice. Já em *Los Heraldos Negros* não se trata apenas do abandono, mas das “quedas profundas dos Cristos da alma” provocadas pelo “ódio de Deus”:

– *Hay golpes en la vida tan fuertes... ¡Yo no sé! Golpes como del odio de Dios.*



FÚRIAS E PENAS

Longe dali no espaço e no tempo, nasceu Dile, em Manaus, a 90 metros de altitude, no dia 8 de março de 1945, ao lado da igreja de Aparecida, quando Deus estava com saúde pra dar e vender e com capacidade de curar e amar. Apesar dessa última diferença, os dois, que foram professores de escola primária, têm outro ponto em comum: ambos manifestam solidariedade com quem sofre e sabem que é isso que dá sentido à vida.

Vallejo foi preso em 1920, passou quase 4 meses na cadeia, acusado de participar em manifestações de protesto e de ter uma consciência social considerada "excessiva".

Dile é dona de uma solidariedade "desvairada". Esse ponto de convergência da aniversariante com o poeta foi registrado pela caçula Maria do Céu, em mensagem à sua irmã:

– Mana, tu és um símbolo de altruísmo, de desapego, de coragem e de um acentuado sentimento de justiça. A generosidade presente nas tuas relações com os desvalidos que te procuram, por vezes é insana, porque vai além das tuas possibilidades materiais, confirmando teu desprendimento.

Dile tem a quem puxar. Outra irmã, professora da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da UFAM, visitou um dia o Asilo Dr. Thomas. Seus sapatos novos deslumbraram dona Maria, uma velhinha negra lá internada, ex-empregada doméstica de uma amiga da Dile:

– Quando o sapato ficar velho, você me dá?

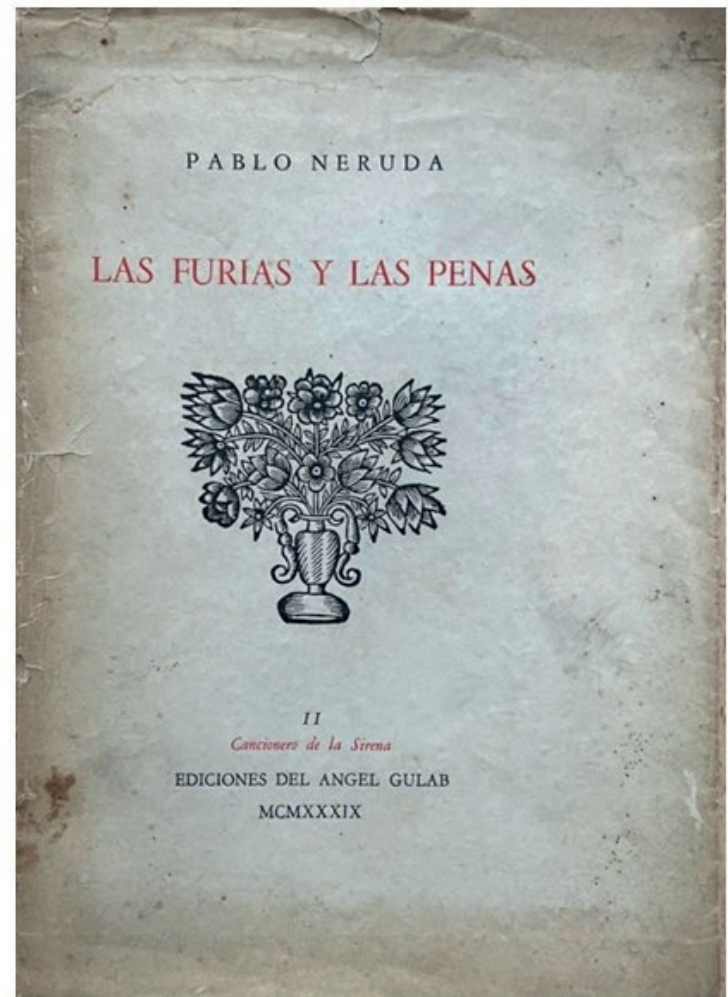
– Prove, pra ver se cabe no seu pé – disse e tirou os sapatos novinhos de marca *fashion*, com palmilha *reflex* e solas acolchoadas.

Dona Maria calçou. Caiu como uma luva. Parecia ter sido feito para os seus pés. Era muito confortável. Nem o sapato de cristal da Cinderela se ajustou tão bem.

– Combina com seu vestido. É seu – disse a "maluca", que se despediu e voltou descalça pra casa. No caminho até o carro estacionado, pisou numa massa pastosa e fofa – umas "palavras cruzadas" deixadas lá pelo Baby, o vira-lata que animava a vida dos velhinhos.

PEDRAS E POEMAS

O mundo da Dile pertence a essa estirpe feita de empatia e ternura. Mas não só de pena e compaixão, também de fúrias e de protesto, que ela manifesta sempre nas redes sociais. Seu voto em Lula e em José Ricardo Wendling, vereador em Manaus, reflete "essa ira santa, essa saúde civil, que tocando a ferida, redescobre o Brasil", como canta Milton Nascimento.



Seu aniversário – que coincidência! – cai no Dia Internacional da Mulher, quando se reafirma a luta contra privilégios masculinos, machismo, violência, assédio, feminicídio, e se reivindica igualdade salarial, descriminalização do aborto, liberdade do corpo feminino, participação na vida política, direito ao divórcio e uso de pilulas anticoncepcionais. Por ser divorciada, ficou anos proibida de comungar – um golpe tão forte como o "ódio de Dios". Padre Pinto, vigário da paróquia do Parque Dez, é muito conservador.

Nessa luta da mulher, como na "*lucha de clases*" do poeta Leminski, "*todas las armas son buenas / piedras / noches / poemas*", incluindo – opa! – a *plancha de ropa*. Celeste, outra irmã, chama a atenção para isso e destaca o caráter guerreiro de quem completa agora 80 anos:

– Mana querida, todos os anos quando vou celebrar tua existência digo que, pra mim, tu és o verdadeiro símbolo do Dia Internacional da Mulher, pela tua combativa trajetória de vida e de superação e pelas tantas vezes que tu te reinventaste, com muita garra, para driblar perrengues e adversidades (driblaste até a morte).

Foto: TaQuiPraTi



Que Ângela Maria, a filha mais parecida fisicamente com nossa matriarca, possa seguir o exemplo de sua tia cruzadista, fazendo ainda por muitos anos palavras cruzadas que, dizem, ajuda a preservar a memória e a prevenir o Alzheimer, além de facilitar diariamente, no discurso familiar, “*otras cositas más viscerales*”.

SEM MEDO

Para essa mana amada ficam aqui versos de uma canção do cancionero tradicional mexicano, *Las Mañanitas*, que se espalhou por toda a América Hispânica e é cantada antes de partir o bolo de aniversário.

<i>El día em que tú naciste</i>	No dia em que tu nasceste
<i>Nacieron todas las flores</i>	Nasceram todas as flores
<i>Y en la pila de bautismo</i>	E na pia de batismo
<i>Cantaron los ruiseñores</i>	Cantaram os rouxinóis

<https://www.letras.mus.br/vicente-fernandez/1300760/>

Ah, antes que me esqueça: o Fórum Permanente das Mulheres de Manaus (FPMF) organiza, neste 8 de dezembro, uma concentração às 15h00 na Praça da Matriz, seguida de caminhada até o Largo de São Sebastião para um ato cultural. Homens antimachistas, aliados da luta, estão também

convidados. Se aparecer por lá, sem camisa, um cara com a marca de um ferro na barriga, é ele.

Nesses tempos de misoginia bolsonarista e trumpista pensa, Ângela Maria, no “*ódio de Dios*”, mas canalizado na direção certa. Sugiro que mantenha o ferro, agora elétrico, sempre quente. Ninguém sabe, né, o que vem por aí? Macacos me mordam se minha previsão é infundada.

PS – “Se não escreveres sobre meus 80 anos, te meto um ferro quente na barriga como fiz com quem evito nomear para não o humilhar” – ela ameaça. Morrendo de medo, me aliviei, preenchendo todos os quadradinhos das “palavras cruzadas”. Égua! Eu, hein!

Referências

1. César Vallejo. *Poesia completa*. Tradução de Thiago de Mello. Rio de Janeiro. Instituto Municipal de Arte e Cultura RioArte, 1984. 260p.
2. _____. *Los Heraldos Negros*. Lima. Editora Perú Nuevo. 1959. 108 p. (“O ódio de Deus” está no primeiro poema que dá título ao livro – p.33. “A doença de Deus” está no último poema – *Espergesia* pp. 105-106).
3. Georgette Vallejo. *Apuntes biográficos de César Vallejo*. In *Los Heraldos Negros*. Lima. Editora Perú Nuevo. 1959. Pp. 5 a 31.



José Bessa Freire. – Indigenista. Professor Universitário. Cronista e Escritor. Conselheiro da Revista Xapuri.

DEPUTADA BIA DE LIMA RECONDUZIDA À PRESIDÊNCIA DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

Bia de Lima

Com muita honra, neste 26 de fevereiro fui conduzida à presidência da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa de Goiás (ALEGO) e terei novamente como vice-presidente o deputado Coronel Adailton.

O ano será de grandes desafios e muita luta pela melhoria da qualidade do ensino e pela

valorização dos trabalhadores e trabalhadoras da categoria em todo o estado.

Junto aos segmentos da Educação, como o Fórum Estadual de Educação e o próprio Conselho Estadual de Educação, a Comissão fará discussões relevantes, além de propor novos patamares do setor educacional em Goiás.



Bia de Lima – Deputada Estadual – PT Goiás
Presidenta do SINTEGO





ATENTO E FORTE, CNS SEGUE EM LUTA, EM DEFESA DA AMAZÔNIA E DOS POVOS QUE NELA VIVEM

Marcos Jorge Dias

Fevereiro, 27. Início de um voo longo, do Pará para o Acre, com escala em Brasília. A voz metálica do piloto avisa que alcançamos a velocidade de cruzeiro, a 10.000 pés de altitude, e que poderíamos ligar os aparelhos eletrônicos.

Pela janela do avião, olhando as águas amazônicas se perderem no Oceano Atlântico e a cidade de Belém, capital do Grão-Pará, ficando cada vez mais distante, aproveitei o tempo de voo até Brasília para escrever sobre o que tinha visto e ouvido durante os dias que estive em Belém, na reunião deliberativa do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), nos dias 25 e 26 de fevereiro.

Quem não acompanha a luta pela preservação da Amazônia talvez não saiba o significado da sigla CNS, nem o que as pessoas que fazem parte desta instituição representam para o Movimento Socioambiental brasileiro e, porque não dizer, também mundial.

O Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), criado por Chico Mendes e seus companheiros, em outubro de 1985, durante o I Encontro Nacional dos Seringueiros, realizado em Bra-

sília, surgiu para fortalecer a luta em defesa das matas em que viviam, e de onde os povos extrativistas da região de Xapuri, no Acre, retiravam seu sustento, num período em que a expansão da atividade pecuária avançava, derrubando a floresta para formar pasto para o gado.

Chico Mendes, percebendo que era necessário barrar o desmatamento, mobilizou homens e mulheres que viviam na floresta – e da floresta – para defenderem o seu território, a sua casa, o seu modo de vida.

Mas, sem armas e sem poder político (partidário), para enfrentar as motosserras e o poder econômico dos fazendeiros, recorreram aos “Empates”. Com seus corpos e cantando o Hino Nacional, os seringueiros e suas famílias impediram que os jagunços derrubassem as árvores. Contudo, essa ação pacífica não foi suficiente para barrar a investida mortal dos pecuaristas sobre a floresta e, posteriormente, mataram Chico Mendes.

Simultaneamente, em várias regiões do Brasil, a luta entre posseiros e latifundiários se acirrava. Os assassinatos de lideranças que defendiam

seus territórios e a posse da terra ocorriam com frequência. E Chico, mais uma vez, se deu conta de que era necessário, e urgente, dar visibilidade à luta da sua gente e encontrar apoio para além das matas de Xapuri.

O homem da floresta, um seringueiro simples, mas com uma profunda relação com a natureza e uma imensa capacidade, e habilidade, em dialogar com os diversos segmentos da sociedade, saiu das matas para o mundo, conquistando pessoas para a sua causa: a defesa da floresta, da vida dos seringueiros e da Amazônia.

Com sua simplicidade, na sua “jornada do herói”, foi agregando gente de todas as partes da Amazônia, do Brasil e do mundo. Gente que está eternizada no Livro Vozes da Floresta, Ed. Xapuri Socioambiental, 3ª edição, e em outras tantas publicações que mostram, sob diversos pontos de vista, a “multiplicidade” dos Chicos existentes em um homem simples da floresta.

Na sua jornada de vida, Chico sofreu provações e não pôde percorrer o caminho de volta. A recompensa da sua luta e seu legado se deram através



da Aliança dos Povos da Floresta, da criação do Conselho Nacional dos Seringueiros (1985), da criação e institucionalização das primeiras Reservas Extrativistas (1989): Chico Mendes e Alto Juruá, no Acre; Resex do Rio Ouro Preto, em Rondônia; e Resex do Rio Cajari, no Amapá.

“A vitória da nossa luta depende da nossa disciplina e da nossa organização”. A frase de Chico Mendes parece ter se materializado no CNS, que desde a sua criação vem agregando gente de toda a Amazônia. Agregou tanto que deixou de ser só dos seringueiros e passou a ser das Populações Extrativistas, adotando, oficialmente, desde 2008, o nome de Conselho Nacional das Populações Extrativistas, mantendo a sigla original, em homenagem às lutas vividas.

Na reunião ocorrida em Belém foi possível perceber, nas e nos membros que fazem parte desse Conselho, a multiplicidade vitoriosa de Chico Mendes em cada uma delas e em cada um deles. A organização da estrutura institucional, composta pelo CNS (que trata da articulação política, regional, nacional e internacional), pelo Memorial Chico Mendes (que cuida da execução de projetos e da gestão financeira) e pelo Fundo Puxirum (parceiro que faz captação de recursos junto a organismos nacionais e internacionais), me fez ver o quanto o Movimento é organizado.

Mas, ainda que possa parecer complexo, o CNS não é uma organização corporativa empresarial fria, é uma organização militante, com o sentimento dos companheiros e companheiras que realizaram os “Empates”.

A disciplina dos e das extrativistas que participaram da reunião do Conselho Deliberativo mostrou o engajamento de cada representante com as pautas do encontro, com as demandas dos seus territórios e com a continuidade da luta iniciada com Chico Mendes, há mais de 40 anos.

Seringueiros, seringueiras, quebradeiras de coco, pescadores, pescadoras, marisqueiras. Trabalhadores e trabalhadoras das Reservas Extrativistas, pessoas simples, que

saem da invisibilidade (muitas vezes imposta pelas instâncias de Poder, político e econômico), para realizar o Planejamento Estratégico para 2025, a celebração dos 40 anos de criação do CNS, debater sobre a realização da II Semana da Sociobiodiversidade, discutir sobre as mudanças climáticas e a participação na COP-30,

em novembro de 2025, na cidade de Belém, e com isso reafirmar suas identidades e fazer ecoar pelo mundo suas vozes e a do Chico Mendes que cada um leva dentro de si.



Marcos Jorge Dias – Jornalista, Conselheiro da Revista Xapuri. Com a colaboração de Cristina da Silva.



Fotos: Marcos Jorge Dias/



DONA SILENA CHEGOU PARA BRINCAR

Iolanda Rocha

O que temos em comum entre as florestas do Acre e o Cerrado de Olhos D'Água, povoado localizado no município de Alexânia, aqui em Goiás?

Temos muitas belezas: A Amazônia e o Cerrado estão ligados pelas águas, pelos rios voadores, e por pessoas encantadoras como Silene Farias, que nasceu de uma semente no Acre e veio florescer aqui neste nosso povoado em Olhos D'Água, que amorosamente chamamos de Zóim.

Nesta ciranda, feita pela compositora Keilah Diniz, dona Silena torna-se um ser encantado que veio para brincar.

*Aqui chegou, aqui ficou, aqui está
Dona Silena para dançar (bis)
Vai o pinto caipira
Vem o jabuti bumbá (bis)
Com a saci e toda meninagem
Dona Silena chegou para brincar (bis)*

Guiados e guiadas pela energia da ciranda em homenagem a Silene Farias, que se encantou no início deste ano, os foliões e foliãs do bloco PINTO CAIPIRA, desfilaram pelas ruas de Olhos D'Água neste Carnaval.

O bloco mais irreverente, autêntico e original apresenta a proposta de preservação da natureza e pede uma atenção especial ao Rio Galinha, que assim como grande parte dos rios do Cerrado estão ameaçados pelo agronegócio, pela monocultura da soja e pela criação de gado para exportação.

A cantora e compositora acreana Áurea Lu envolveu a todos e todas que curtiam o Carnaval em Olhos D'Água. Homenagens ao Pedro Samambaia, o homem dos passarim, e à Maria Preta fizeram parte do belíssimo repertório. Os manos Tancredo e Olivia Maia, também acreanos, ajudaram a embelezar este Carnaval, que nos deixou com gostinho de quero mais.

O Carnaval é a festa do povo. É o momento no qual as pessoas deixam o sofrimento de lado e esbanjam alegrias e criatividade. É através dele que retornamos à nossa ancestralidade e vivemos como reis e rainhas. É no Carnaval que podemos ser um Pinto Caipira, ou um Jabuti Bumbá, criações de Silene Farias.

Seja nos blocos que desfilam no interior do Brasil, nas escolas de samba ou nas avenidas de Salvador, Recife, Olinda... as pessoas se engajam numa festa de alegrias, protestos e lutas. A canção interpretada por Daniela Mercury enfatiza bem este sentimento: "Eu queria que esta fantasia fosse eterna, quem sabe um dia a paz vence a guerra e viver será só festejar".

Que tenhamos muitos carnavais e que possamos viver em um país que respeite a democracia, a diversidade cultural e sexual, que respeite a natureza e que tenha um lugar para todas e todos viverem e festejarem com dignidade.



Iolanda Rocha – Educadora. Socioambientalista. Conselheira da Revista Xapuri.



MATINTA-PEREIRA: A AVE QUE ASSOBBIA FORTE

Diz uma das muitas versões da lenda que, de noite, a Matinta-Pereira, também chamada Matinta-Perera, vira ave e assobia tão forte, com tanta estridência, que pode estourar qualquer ouvido, e que, para acalmá-la, o único jeito é fazer uma oferenda.

Diz também que a bichinha gosta de fumo, café, cachaça, peixe e pão, de preferência. Segundo o grande folclorista Câmara Cascudo, o sossego vem com promessa, basta gritar: "Matinta, venha amanhã que lhe entregarei seu fumo", ou outra prenda qualquer.

Mas é bom só prometer o que pode cumprir, porque no dia seguinte, em forma de gente, a Matinta chega bem cedo na casa de quem prometeu para buscar seu presente. E se a pessoa não entrega, a Matinta amaldiçoa e castiga a família, até mesmo com a morte.

E o que fazer para espantar a Matinta-Pereira? Existem algumas armadilhas, afirmam os povos da floresta. Uma delas é enterrar uma tesoura aberta ou um terço e uma chave no caminho por onde ela costuma passar. No Pará, as famílias preparam e passam uma poção com alho e água benta pelas janelas e portas das casas.

No Amazonas, a lenda conta que Matinta pode ser afugentada colocando folhas e frutos do pinhão-roxo, *Jatropha gossypifolia*, nas portas e janelas das casas. A planta possui uma substância tóxica e grudenta em suas folhas, o que, para as pessoas, afugenta Matinta.

Segundo Câmara Cascudo, a Matinta-Perera se apresenta às pessoas como o pássaro Tapera, conhecido popularmente como martim-pererê ou saci. Para ele, esse pássaro era associado por povos indígenas aos pajés, que se transformavam no pássaro para praticar suas vinganças.

Para o povo indígena Tupinambá, os mortos se transformam nesses pássaros, visitando os vivos. Os Mundurucu acreditam que esse pássaro era a encarnação dos mortos que vinham caçar e pescar no mundo dos vivos.



Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/folclore/matinta-perera.htm>, com edições de Zezé Weiss.



Filial do:
CUT
CNTE
DF

46
ANOS



@SINPRODF

AMANHÃ UM L



HÁ SERÁ INDO DIA

GUILHERME ARANTES

19,8%

**REESTRUTURA
A CARREIRA JÁ!**

RUMO À META 17

Reestruturar para avancar

A Reestruturação da carreira do Magistério Público do DF vem sendo estratégia eficaz para a valorização salarial da categoria e, consequentemente, a promoção de uma educação pública de mais qualidade. É por isso que, nesta campanha salarial, trazemos como mote reajuste de 19,8%, rumo à meta 17 do PDE e reestruturação da carreira já! Entre os principais eixos dessa reestruturação estão:

Achatamento dos padrões da tabela salarial de 25 para 15

A estratégia permite chegar ao topo mais cedo. Além disso, haverá

incentivo financeiro para quem já está no último padrão.

Auxílio alimentação maior

Lutamos para que o valor do nosso auxílio seja o mesmo dos servidores da Câmara Legislativa do DF.

Valorização da formação

Queremos, pelo menos, dobrar os percentuais de titulação, além da criação da tabela salarial de pós-doutorado.

Acesse o QR Code e
saiba mais



O RECADO DE WALTER SALLES

Moisés Mendes



Só a extrema direita, abalada pelo Oscar, deseja que a conquista de "Ainda estou aqui" seja uma pauta esgotada. Não é. É agora, quando o ano começa, que as forças da democracia são desafiadas a lutar pelo que mais importa hoje, a preservação consequente da memória dos perseguidos pela ditadura.

É o que mais o filme nos ensina. Vamos continuar falando das lições

de Eunice Paiva e da decisão de Walter Salles Júnior de divulgar o discurso escrito, que não leu em Los Angeles, com o recado a adoradores de ditadores e torturadores. Não importa se o diretor perdeu mesmo o papel com o que havia escrito ou se apenas desistiu do roteiro. Até essa dúvida nos diverte. Com o discurso escrito tornado público, Salles nos oferece um segundo Oscar.

Vale relembrar que, no momento em que se prepara para falar no palco, o cineasta pega os óculos, como se fosse ler algo, e leva a mão ao bolso do casaco. Mas recua e não chega a enfiar a mão no bolso.

Optou pelo improvisado? É um detalhe que vale agora como curiosidade. Importa que o discurso escrito foi divulgado, como um recado muito mais para os brasileiros.

É uma mensagem forte antidi-tadura e antifascismo que poderia não ter lá, naquele ambiente, a força que tem aqui. O trecho mais incisivo, que está no discurso escrito, é este: "Governos autoritários surgem e desaparecem no esgoto da história, enquanto livros, canções e filmes ficam conosco". E encerra com o grito de guerra da resistência: "Viva a Democracia, Ditadura Nunca Mais!" Com palavras em letras maiúsculas.

Por que divulgar o discurso escrito? Por isso mesmo. Para dizer que contém frases de advertência à extrema direita. Um recado que, sendo dado por um brasileiro, poderia ter pouco impacto no meio da festa nos Estados Unidos, mas tem repercussão no Brasil.

Tanto que foi parar na capa de todos os jornais e repercutiu também lá fora. Walter Salles cometeu o esquecimento de propósito? Se foi assim, está valendo. Abaixo, os dois discursos.

Primeiro, o feito de improviso:

Em nome do cinema brasileiro, é uma honra tão grande receber esse prêmio de um grupo tão extraordinário. Vai para uma mulher que, depois de uma perda tão grande em um regime tão autoritário, decidiu não se dobrar e resistir. Esse prêmio vai para ela: o nome dela é Eunice Paiva. E também vai para as mulheres extraordinárias que deram vida a ela. Fernanda Torres e Fernanda Montenegro.

E finaliza, citando executivos da Sony, produtora internacional do filme. E esse é o discurso escrito:

Obrigado, em nome do cinema brasileiro. Agradeço à Academia por reconhecer a história de uma mulher que, diante de uma tragédia causada por uma ditadura militar, optou por resistir para proteger sua família. Em um tempo em que tais regimes estão se tornando cada vez menos abstratos, dedico esse prêmio a Eunice Paiva e a todas

as mães que, diante de tamanha adversidade, têm a coragem de resistir. Que nos ensinam a lutar sem perder a capacidade de sorrir, mesmo quando elas se sentem frágeis. Este prêmio também pertence a duas mulheres extraordinárias, Fernanda Torres e Fernanda Montenegro. Elas não apenas elevaram nosso filme, mas representam o fato de que a arte resistiu no Brasil. Governos autoritários surgem e desaparecem no esgoto da história, enquanto livros, canções e filmes ficam conosco. Obrigado a todos, em nome do cinema brasileiro e latino-americano! Viva a Democracia, Ditadura Nunca Mais!

Na coletiva que deu depois do prêmio, Salles disse sobre o texto

escrito: "Eu terminava dizendo: Viva a democracia, ditadura nunca mais. Eu gostaria de ter falado essa parte em português. Era a única parte em português e estou feliz em poder dizer isso hoje".

Mas perdeu o bilhete? Desistiu e improvisou. Não faz mal. Pronto, está dito: Viva a democracia, ditadura nunca mais. Agora, é agir politicamente, em todas as frentes, para que prevaleçam a verdade, a memória e a justiça.



Moisés Mendes - Jornalista, autor de *Todos querem ser Mujica* (Editora Diadorim). Foi editor especial e colunista de *Zero Hora*, de Porto Alegre. Matéria publicada originalmente no *Brasil 247* (<https://www.brasil247.com/blog/o-recado-de-walter-salles-aos-adoradores-de-ditadores-e-torturadores>).





BIBIANA ESTÁCIA, 112 ANOS: A DOCE MATRIARCA DE VILA BOA DE GOIÁS

— Maria Leticia Marques e Zezé Weiss





**Com nossa gratidão para José Ivan,
que nos apresentou Dona Bibi,
e para Carlinhos do Barú,
que facilitou nosso feliz encontro com dona Bibiana.**

No sábado, dia 15 de fevereiro deste ano da graça de 2025, Bibiana Estácia de Oliveira, a anciã mais idosa da Associação Quilombo (Associação dos Remanescente de Quilombos de Vila Boa), completou 112 anos de vida. Para a festa, realizada no domingo, dia 16, dona Bibi, como é carinhosamente chamada, exigiu fartura, "pra alimentar todo mundo que chegasse", e, de caridádio, carne assada e maionese, seus pratos favoritos.

Atenta e lúcida, sobre a festa, dona Bibi dá notícias de tudo, de quem veio – de Vila Boa, de Formosa, de Goiânia e até do Rio de Janeiro – e de quem, pelas diversas razões que lhe explicaram, não pôde estar presente. Espirituosa, conta nos dedos o povo que já confirmou presença para os 113 anos, "se é que eu chego lá", completa bem-humorada.

Com seu inseparável lenço na cabeça, sentada em uma confortável cadeira de plástico branca, no beiral da varanda de sua casinha com janelas azuis e paredes sem pintura, em uma rua serena da cidadezinha de Vila Boa de Goiás, sede do município, localizada no quilômetro 147 da Rodovia BR-020, boa de prosa, Bibiana Estácia vai desvelando o novelo de sua longa vida.

Nasci por aqui mesmo, por essas beira do rio Canabrava, na zona rural do município. Pai, eu tive, mas não cheguei a conhecer. O nome dele era Militão, mas morreu bem cedo, quando minha mãe ganhou eu, ele já tinha morrido.

Fui criada entre mulheres, por minha mãe, Tiburtina, que era chamada de Tiburça, e por minhas tias, Maria Gorda, Bibiana, Lisbina e a velha Joana; eu me

lembro delas todas, eram mulheres muito festeiras.

Com elas, eu ia em festa, folia, ia em tudo, ia numa reza, ia em outra. Minha mãe também ia. Minha mãe era rezadeira. Ai ela ia e levava eu, antes de eu casar. E mesmo depois que eu casei, eu ainda ia nas festas, nas rezas.

A roupa, a gente lavava com sabão de tingui. Pegava aquelas frutas, descascava, botava pra pubar, depois botava na dicuada e fazia o sabão. Era bom, a muiezada fazia muito sabão de tingui pra lavar roupa, às vezes vendia, a roupa ficava alvinha, lavada na beira do rio.

O tingui (*Magonia pubescens*), amplamente utilizado na fabricação artesanal de sabão na juventude de dona Bibi, continua sendo uma prática tradicional passada de geração em geração. Suas sementes contêm saponinas

naturais, que geram espuma e possuem propriedades detergentes, permitindo a produção de um sabão biodegradável e ecológico, ainda hoje muito apreciado pelas famílias de trabalhadores e trabalhadoras rurais da região.

Remédio, dona Bibi conta que era só de ervas do Cerrado. "Era remédio do mato que a gente arrancava. Não tinha negócio de remédio de farmácia, não. Era remédio do mato que curava e o povo era mais sadio. Fazia chá de um, fazia chá de outro, fazia tintura, tudo caseiro, tudo sem veneno."

VIDA NA ROÇA

Casar, eu casei bem moça, mas do ano eu não me lembro. Com meu marido, morei muitos anos na roça, criando vaca, porco, galinha, até uns carneiros, e plantando e colhendo de tudo um pouco. Tivemos três filhos, o Roseno, o Jonas e o outro, que morreu novinho (recém-nascido).



Foto: Associação Quilombo

A comida de primeiro, lá na roça, era muito deferente, era comida boa, não tinha essa coisa de botá veneno no alimento da gente. A gente comia feijão, arroz, carne de gado, e verdura era a que nós plantava. As carne, nós secava no sol. O peixe, fora o pescado pra comê na hora, também era seco.

Nós matava a vaca e botava as carnes todas pra secar, aí, depois de seca, a gente guardava. Era mês e mês nós comendo aquela carne, cozinhada no sebo de gado ou na gordura de porco. Não tinha esse negócio de óleo, não. Fritava sebo e botava na vasilha para temperar de comer. Carne de porco a gente fritava e botava nas lata. E fazia muita linguiça, a gente tinha costume de fazer linguiça e chouriço.

Isso sem dizer que a gente usava muito tutano na comida [substância gordurosa e gelatinosa encontrada no interior dos ossos longos de mamíferos, principalmente de gado, sendo uma rica fonte de colágeno, ácidos graxos essenciais, vitaminas e minerais como ferro e fósforo], aí nós botava no feijão, nós misturava no arroz, comia, o povo era mais forte.

E o café, o café nosso era adoçado com rapadura. Era rapadura, não tinha açúcar, rapadura feita em casa. A gente tinha o costume de fazer essas coisa toda. Tudo sem veneno. Hoje por umas coisa ficou mió, dá pra comprá quase tudo na venda, mas pra saúde não tá valendo de nada.

VILA BOA DE GOIÁS

E dona Bibi segue desfiando o novelo:

Sempre fui do Goiás, por muito tempo andei zanzando por es-

sas barranca do Cana-brava. Depois que minha mãe morreu, nós saiu caminhando pra riba e para baixo, morava num canto, morava num outro. Mas chega um tempo em que a gente tem que quietá, e então apareceu essa Vila Boa e nós viemo pra cá. Mei marido era vivo, ainda, e nós viemo junto.

Isso foi no tempo da construção da rodovia (nos anos 1960). Quando cheguei, por aqui não tinha casa, não tinha nada, era só mato, só Cerrado. Aí nós ia pra Santa Rosa, pra Formosa, comprar trem pra comer. No começo, a vida aqui em Vila Boa pra mim ficou difícil, porque perdi meu marido, atropelado na rodovia.

O povo que tava trabaiando na poeira da estrada, ainda não tinha asfalto, sempre avisava pra gente tomá cuidado, que as máquina era perigosa. Mas acabou acontecendo, fiquei viúva, com dois filho pequeno pra criá... Depois disso, não quis saber desse negócio de casamento mais não."

Aqui em Vila Boa fui fazendo amizade, conheço todo mundo, meus filhos cresceram, casaram, formaram família, me deram sete netos e uma quantidade de bisnetos. A maioria mora por aqui mesmo, mas também tem gente minha morando em Formosa e em Goiânia.

Hoje, com 112 anos, eu ainda durmo sozinha, mas minha neta mora aqui do lado e tem uma moça que arruma a casa pra mim. De manhã cedo, eu mesma faço o meu chá, é só colocá o saquinho comprado no mercado na água quente, mas já tem uns anos que trazem comida pra mim, que não me deixam fazer meu arroz, diz que é pra eu não me queimar.

POR QUE UMA VIDA TÃO LONGA?

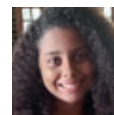
As razões da longevidade, dona Bibi explica:

Primeiro, porque Deus qué, é Deus que tá me segurando, muié. Depois, porque eu gosto muito de vivê. Hoje tenho a vista fraca, escuto pouco, pra andá preciso da bengala, e pra dormir é difícil, o meu corpo dói muito, dói inteiro.

Mas, tirando essas coisa, comparada com muita gente, minha saúde ainda é boa e eu vou fazendo a minha parte: antes eu fumava um cachimbo, um cigarrim de paia, e gostava bem dum café. Hoje eu nem bebo, nem fumo, e já faz tempo que larguei do café.

Eu acho também acho que tô durando esse tanto porque fui criada comendo muita comida de roça, muita comida boa, sem veneno. Hoje planta mandioca, bota veneno, planta arroz, bota veneno, planta verdura, bota veneno, e vai tudo pro intestino, pro osso e pro sangue. O povo adocece rápido e acaba morrendo cedo.

Então é isso, minhas fia, eu hoje levanto cedo, tomo meu solzinho, converso com as visita [tem sempre gente chegando na casa de dona Bibi], depois eu almoço, descanso, depois proseio mais um pouco, e assim vou tocando a vida, até quando Deus quisé. Vô pisando devagarinho, mas ainda estou de pé!



Maria Leticia Marques - Funcionária pública. Estudante de Direito. Voluntária da Revista Xapuri.



Zezé Weiss - Jornalista. Editora da Revista Xapuri.



A luta pela igualdade de gênero se fortalece com a educação.

Enquanto alguns líderes mundiais insistem em sinalizar retrocessos e tentam minar movimentos e instituições em defesa dos Direitos Humanos, nós, representantes da classe trabalhadora da educação pública, continuaremos atuando pela Justiça, a democracia e a pluralidade.

Que os direitos conquistados sejam postos em prática. E que novos direitos sejam conquistados por elas.

8 DE MARÇO
DIA INTERNACIONAL DA MULHER



ACESSE AQUI
O CONTEÚDO
DA REVISTA
MÁTRIA 2025

CNE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
® www.ente.org.br *Brasil*

Filiada à
CUT BRASIL

CEA
Internacional
da Educação

CEA

CPLP-SE
Conselho Nacional de Educação

FNPE
Fórum Nacional Popular de Educação



XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEN COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **360**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **600**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

